



Todas as águas

CRÔNICAS

Todas as águas

crônicas



ORGANIZAÇÃO

Christina Ramalho
Ítalo de Melo Ramalho
Rafael Senra

Natal/Lucgraf
2019

Título Original: *Todas as águas. crônicas*

© Copyright 2019 by Christina Ramalho, Ítalo Ramalho, Rafael Senra

Todos os direitos reservados. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome do/a autor/a, título da obra, edição e paginação. A violação dos Direitos do Autor (Lei no. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Ilustração da Capa: fotografia de Adèle Gaboreau

Ilustrações internas: recortes de fotografias de Adèle Gaboreau e desenhos de Rafael Senra

Arte: Christina Ramalho

Revisão dos/as autores/as e organizadores

Diagramação: Christina Ramalho

Catálogo da Publicação na Fonte.

Fernando Antonny Guerra Alves – Bibliotecário CRB/15-303

R165m Ramalho, Christina.

Todas as águas: crônicas. / Christina Ramalho, Ítalo de Melo Ramalho, Rafael Senra. – 1. ed. – Natal/RN: Lucgraf, 2019.
168 p.; eBook (pdf).

Ilustrações: Rafael Senra

Fotografias: Adèle Gaboreau

ISBN: 978-85-7134-011-4.

1. Literatura brasileira. 2. Literatura – Crônicas. 3. Literatura contemporânea. I. Ramalho, Ítalo de Melo. II. Senra, Rafael. III. Título.

CDU 821.134.3(81)

CDD B869



CONSELHO EDITORIAL LUCGRAF VIRTUAL

Profa. Dra. Anélia Montechiari Pietrani (UFRJ)

Prof. Dr. Fabio Mario da Silva (UNIFESSPA)

Profa. Dra. Maria Aparecida Fontes (Università degli Studi di Padova – Itália)

Prof.a Dra. Marlene de Almeida Augusto de Souza (UFS)

Prof. Dr. Raiff Magno Barbosa Pereira (Colégio Pedro II)



SUMÁRIO

Apresentação dos organizadores – p. 7
Prefácio (Iasmim Ferreira) – p. 9
Aécio Silva Júnior (SE) – p. 11
Ana Santana Souza (RN) – p. 17
Carlos Alexandre Nascimento Aragão (SE) – p. 29
Christina Ramalho (RJ) – p. 33
Daynara Côrtes (SE) – p. 37
Douglas Magnilson (SE) – p. 41
Éverton Santos (SE) – p. 45
Fátima Bettencourt (Cabo Verde) – p. 49
Gigio Ferreira (PA) – p. 55
Iasmim Ferreira (SE) – p. 61
Ilane Ferreira Cavalcante (RN) – p. 67
Ítalo de Melo Ramalho (PB) – p. 77
Jonaza Glória dos Santos (AM) – p. 83
José Pedro Filho (SE) – p. 91
Laurence Bittencourt Leite (RN) – p. 95
Marcos Firmino de Queiroz (PB) – p. 99
Marcos Roberto (SE) – p. 103
Najó Glória dos Santos (AM) – p. 107
Rafael Senra (MG) – p. 113
Rafaela França (RN) – p. 117
Raquel Naveira (MS) – p. 121
Roberto Corrêa dos Santos (RJ) – p. 127
Rosângela Trajano (RN) – p. 133
Sheyla de Azevedo (RN) – p. 139
Suanam Glória Fontany (SE) – p. 145
Vera Duarte (Cabo Verde) – p. 153
Vinicius Mitchell (RJ) – p. 163
Fotografias de Adèle Gaboreau – p. 166
Ilustrações de Rafael Senra - 167

Apresentação dos organizadores

Era uma vez um rio disfarçado de mar. Rio de muitos tentáculos esparramados pela terra, como veias abertas que jorram o sangue das horas pelo espaço, anunciando que tudo nasce e morre na liquidez. Anunciando que não somos pó. Somos mesmo é água.

No tal rio, gerador de muitos verdes, azuis, ocre e negros, acendem-se, continuamente, esperanças fluviais e marítimas da visita permanente de muitas embarcações (rios, nem todos sabem, são reinventados todos os dias pelas carícias dos barcos).

Este livro é o rio-mar e também as embarcações desejadas. Nasceu do encontro de águas mineiras, paraibanas e cariocas que, por motivos diversos, se fizeram afluentes permanentes ou temporários (nunca se sabe) das águas amazônicas estendidas no solo do Amapá. E rios assim, quando se encontram, promovem, inevitavelmente, uma pororoca de ideias e, ao mesmo tempo, desenham múltiplos contornos de embarcações.

Assim, convidamos vocês a navegarem pelas águas de *Todas as águas*, sabendo, desde já, que as crônicas que encontrarão também são rios disfarçados, mares fantasiados, barcos em forma de palavras. As próprias águas, vocês verão, terão texturas, temperaturas e cores distintas. Provenientes de nascedouros diversos, criaram desenhos próprios, uns mais sinuosos, outros tranquilos como retas decididas. Nem todas são

potáveis como as águas limpas de uma fonte. Às vezes é necessário tomar remédios amargos suavizados pelas águas em que são diluídos. Não importa. Rios que são mares carregam o tempo, e o tempo está marcado por júbilo e por desespero. Quanto aos barcos, não há nada como o colorido da diversidade. Nela, percebemo-nos extremamente semelhantes.

Mais que águas de várias navegações brasileiras, pudemos ter a sorte de trazermos para este livro as ondulações das águas cabo-verdianas através de Fátima Bettencourt e Vera Duarte. E mais, a imagem líquida da capa, que brotou e transbordou do encontro virtual com a arte da jovem e talentosa Adèle Gaboreau. Assim, também há perfume francês em *Todas as águas*.

Registramos nossos agradecimentos a todos e a todas que embarcaram no sonho conosco. Registramos, especialmente, o agradecimento a Adèle Gaboreau, estudante francesa de Design, na École Nationale Supérieure des Arts Appliqués et des Métiers d'Arts (ENSAAMA), cujas fotografias foram a base para o trabalho gráfico com o livro. Nosso muito obrigado também a vocês que nos leem. Que sua viagem pelo universo líquido desta realização que rapidamente passou do sonho ao papel seja prazerosa como foi para nós.

Christina, Ítalo e Rafael

Prefácio

Vamos dar alguns mergulhos?

Isto não é um livro: é uma porção de um universo líquido, leve e fluído; um verdadeiro arquipélago das palavras. Nele, você encontrará crônicas de diversos/as autores/as brasileiros/as e estrangeiros/as. Cada uma delas nos conduzirá a diferentes banhos e profundidades, das águas de nosso país às águas que nos cercam e as que estão em nosso interior. Essas últimas são as melhores para a descoberta de nós mesmos, e, certamente, são as mais profundas.

Falar de todas as águas por meio de crônicas é trazer para você leitor/a a experiência de, assim como um/a mergulhador/a, descer a um nível mais profundo das águas com um equipamento seguro para mergulho (a crônica), sob a direção de outros/as mergulhadores/as (nossos/as escritores/as) para conhecer o maior de todos Caribes (nosso interior). Entretanto, para conhecê-lo é preciso abrir-se para a palavra poética que desvela, cria e desperta novos e adormecidos 7 mares que estão dentro de cada um de nós.

Sob o signo “água” repousam muitos sentidos. Desde a filosofia antiga, a água ocupa um lugar especial, estando entre os quatro elementos fundamentais: água, terra, fogo e ar. A água é carregada de uma sensação mística. Ela tem espaço sagrado em algumas religiões e crenças. A Torá, por exemplo, está repleta de narrativas que a envolvem como temática central.

Para o Planeta e os seres vivos, a água é fundamental: sem ela não conseguiríamos sobreviver.

No entanto, não nos ocupamos com a água nos seus sentidos mais corriqueiros, mas nos apropriamos de muitas simbologias para compreendermos seus antigos sentidos e dispormos de novas possibilidades plurais a partir de nossas vivências, a fim de sentirmos a água como elemento próximo e intrínseco a nossa existência. Nossos/as autores/as banharam-se desse signo e por meio da lágrima, da saliva, dos rios e mares, das águas do corpo, das águas de Meribá, das águas da infância, das águas que correm entre os dedos, das águas que banhamos corpo e alma... nos convidam a mergulhar neste acoplado de todas as águas. Que possamos nos permitir novos e bons mergulhos a cada onda surfada, a cada crônica lida!

Iasmim Ferreira

A água do banho

Aécio Silva Júnior¹

Após um fatídico dia de trabalho, milhões de pessoas voltam para suas casas e com o peso de mil elefantes tiram seus sapatos e jogam-nos onde dá. Pastas para um lado, corpo para o outro, o que importa nesse momento é achar um local onde a alma encontre repouso.

Depois de tal ritual o famigerado banho é o próximo passo. Seja ele de chuveiro ou banheira, ou ainda de canequinha, o banho é o momento de glória do ser humano moderno. Ele proporciona coisas que hoje em dia estão cada vez mais raras: privacidade, tempo para si mesmo e liberdade para ser o que cada um quiser,

No banho pode-se ser um cantor pop famoso ou um pirata a navegar. Pode-se falar alto, cantar, chorar, conversar consigo mesmo e até dançar. Sejam grandes, médios ou pequenos os banheiros são a alma de uma casa, pois a alma é o princípio vital da vida e também assim é o banheiro e o banho.

O ser humano vive sem sala, sem quarto, outros cômodos podem ser substituí-los ou servir como tais, mas o banheiro é intransferível e imprescindível e sem ele a permanência do cidadão não vai à frente. E a

¹ Natural de Itabaiana-SE, o Jovem Aécio Júnior cursa medicina veterinária na UFS, escreve poesias e crônicas e atua na área de pesquisas sobre ética animal e ambiental, além de integrar projetos de incentivo à leitura e produção de textos. Apaixonado pelo universo veterinário e das letras faz do sertão seu material de trabalho e estudo e nele se inspira cada dia mais. Um dos autores de *Jovens cronistas do sertão* (2017).

água torna o banho ainda mais fundamental. Com ela nos limpamos, tiramos nossos porres não só de álcool como os porres da vida.

A água do banho nos acalma, nos chama à reflexão das coisas empíricas. Do cabelo à ponta do dedão do pé ela percorre todo o nosso corpo, nos conhecendo melhor que qualquer um. Por entre as dobras e depressões do nosso corpo-templo particular ela passa levando as sujidades e molhando os poros de cada milímetro da nossa pele.

A água do banho é divina, é libertadora, é benta. Ela tem poder de nos levar para lugares onde queremos, nos relaxa, esfria a nossa cabeça e refresca o nosso coração, lavando a alma e levando até o ralo as mazelas de mais um dia de labuta no planeta água cuja água cada vez menos se encontre em seu estado divino, pura.

Carcará de terno

Aécio Silva Júnior

Ave de rapina da família dos falconídeos, ele impera no sertão e se faz presente na vida do sertanejo, da mais rica até a mais pobre criatura do interior nordestino. Com certa fama de vivente lutador e resistente, o carcará se alimenta da fome e, para tal, usa da covardia quando a oportunidade lhe aparece. Um oportunista que se aproveita dos desfavorecidos e deles sustenta-se, vive numa terra onde os pingos de chuva são reles lágrimas de uma nuvem que a seca não deixa molhar.

Quando ela chora, e se chora, seu pranto não chega ao chão, pois o vento quente acha muita ousadia de sua parte manchar de marrom o cinza-pedra da caatinga e o sol quente com um falso cavalheirismo seca suas lágrimas e impede assim, que elas matem a sede dos pobres moribundos dessa terra sem pai, cujos poderosos “donos” há tempos atrás são também carcarás. E é dessa secura que o carcará se vale, chegando a estiagem as crias já fracas e vulneráveis são seu almoço e as cobras coloridas seu jantar. Ambas já não têm o verde da caatinga para lhe alimentar ou servir de camuflagem.

Excerto pelos cactos, que continuam altivos a exhibir o verde louro, o restante da mãe flora vira um mar de tons cinza e deixa nua a planície denunciando seus filhos rebeldes que não se adaptaram à cor da mãe natureza e por ela serão devorados. Com esse cenário não seria leviano

dizer que a seca é uma benção para o carcará, pois é dela que o mesmo sobrevive. Também dela sobrevive outra espécie de carcará. Este usa terno, anda de carro e negocia, mas também ele usa da falta de chuvas para alimentar-se de frágeis presas, os pobres. Suas táticas de caça têm nome, chama-se indústria da seca: perca de lavoura, dependência de compra de água, dívidas e fome: com decretos de situação de emergências, urgências, calamidades, emendas e empréstimos, além de obras faraônicas que são usadas para desviar dinheiro o papo dessas aves de rapina são alimentados com a miséria de suas presas, o povo.

Os carcarás de terno, por sua vez, alegam serem eles levados a fazer isso pela necessidade. O carcará político visa acabar com a fome dos seus irmãos (ainda que para isso, centenas deles tenham que viver na pobreza para justificar novos investimentos, liberação de verbas e não diminuir a dependência, claro) e aí vemos a semelhança entre os dois carcarás, ambos matam por uma suposta causa nobre, matam para se manter no topo da cadeia (seja ela alimentar ou de poder). Se o carcará de pena espera sua presa ficar fraca pela fome e se alimenta de todas as fontes disponíveis, seja um rato no chão, um peixe na poça ou uma ave (sua parente) no ar, o carcará de terno também alimenta a fome e dela se alimenta. Ambos costumam agir para benefício próprio, mas, se a presa é grande eles sabem unir força aos da mesma corja e assim derrubá-las. A fome é seu poder de controle, seu maior trunfo.

Assim como essa fome obriga os animais indefesos a saírem de suas tocas na capoeira e se tornarem presas fáceis, também a necessidade das famílias pobres as forçam a se auto-sabotarem, o que é prato cheio para o

carcará político. A fome traz mais que a fraqueza do corpo, trás a fraqueza da moral. Não há “certo” quando se tem fome, não há “ser moral” quando os filhos choram de fome na cozinha. A fome não é ética, ela é fraca e dependente. É como uma viciada em cocaína que não hesitar em usar a arma que futuramente lhe matará, por isso o usuário sabota a se mesmo. Assim o povo com fome de tantas coisas usa o seu voto como vale alimentação, vale saco de cimento, vale água, vale botijão de gás, vale sobre-vivência.

Através da fome o carcará de terno caça os necessitados, estes despidos do manto protetor da mãe Estado que lhe vira as costas a cada seca, assim como faz a caatinga com seus filhos rebeldes que não seguem os padrões de sua cor cinza-indiferente. Assim é o carcará de terno, o carcará hodierno, o carcará “de bem”.



Com a boca cheia d'água

Ana Santana Souza²

Imagina só: depois de um desjejum pobre de marré, a manhã inteira sem comer, você chega em casa e o que tem para o almoço? seu prato preferido. Tem como não salivar açudes? Tá, a pessoa nem precisa estar morta de fome para encher a boca d'água diante de uma comida saborosa, mas que a enchente é maior quando junta a fome com a vontade de comer, isso é. Mas, ainda que em estado de saciedade, basta a memória afetiva das comidinhas caseiras, aquelas que nos criaram, para enchermos a boca d'água.

Todo mundo tem um prato na lembrança. O seu qual é? que cheiro tem? como se apresentava na sua infância ou adolescência? Pare, lembre, salive. De minha parte, digo que mora nas grutas da minha memória, esquecida do que não interessa, o gosto e cheiro de farofa d'água com carne de sol, de galinha caipira, das comidas de milho no mês de São João.

² Nascida e criada entre os rios Barra Nova e Seridó, em Caicó-RN não aprendeu a nadar, mas aprendeu das águas correntes a não se deixar empoçar demais. Ligando um fio d'água a outro, conseguiu fazer graduação, mestrado e doutorados nas Letras-UFRN. Com o nome aprendido na escola (em casa era Ana Maria) assina os textos acadêmicos: artigos, capítulos e livros (por causa de um deles - *A nação guesa de Sousândrade* - virou Membro da Academia Maranhense de Letras); com o nome de batismo poético, Ana de Santana, assina a poesia que, feito chuva fininha, molha um tico de terra em *Danaides* (2005), *Em nome da pele* (2009) e *À unha* (2016).

É vero que água na boca nem sempre tem a ver com comida. Que o digam aquelas criaturas que babam no travesseiro enquanto dormem ou os bebês que aguardam os primeiros dentes. Qualquer que seja a razão, a saliva costuma ser inquilina certa na cavidade mais visitada da região acima dos ombros. E quem pensa que é pouca água, fique sabendo que todo dia, em condições normais, um serumaninho não produz menos de um litro de saliva, podendo ser até mais. Formada por aproximadamente 95% de água e 5% de sais e enzimas, a saliva (prefiro repetir o termo a substituí-lo por cuspe), além de facilitar a mastigação e a digestão, dá um chega pra lá em bactérias. Mas não é por essa função higiênica que ela lambuza este texto. Meu interesse pelo muco em questão se deve a sua virtuosa capacidade de se multiplicar quando há desejo: seja provocado por uma certa comida, tanto faz se neste exato momento ou no passado, mas ainda na temperatura ideal; seja por outra comida, a sexual, aquela que faz as águas da boca saírem de si para o encontro de outros corpos sexuais.

O erotismo das águas da boca é da ordem da comida. Se juntar a fome com a vontade de comer, então, o desejo e o prazer, condições do erótico, se instalam, daí as enchentes que falei há pouco. A enxurrada pode se dar tanto quando alguém deseja comer, literalmente, um alimento, quanto quando deseja comer outro alguém. Seja lá de que comida falemos, é na boca onde o desejo molha primeiro, mesmo quando comemos com os olhos. Deve ser por isso que a primeira coisa que dá vontade de fazer, quando estamos a fim de uma pessoa, é beijar sua boca. O beijo de língua

é um acontecimento, mas se não rolar tesão, não vai adiante. E tesão, definitivamente, se cria é no molhado, né não? Quem experimentou, sabe do que estou falando. Quem nunca, né? Desejar outra pessoa faz babar. Talvez isso explique os sucessos "você vai ficar... babando", na voz de Anita, ou "baba, baby, baba", que tornou conhecida a Kelly Key. Diferente da baba no travesseiro ou no babador, babar pelo outro é apetite esborrotando, capaz da pessoa se molhar é toda.

Isso de encher a boca d'água de desejo por outra pessoa, a ponto de babar lagoas, é cantado também por Rita Lee e Nando Cordel. A voz da cantora é quase um gemido quando ela entoia "Meu bem, você me dá...[ai, essa paradinha] água na boca" e nos demais versos de *Mania de você*. Na canção, feita em parceria com o marido Roberto de Carvalho, a roupa do casal (quem sabe real) fica molhada de suor de tanto eles se beijarem. Já no som do pernambucano, quem sua pra valer, com o coração acelerado, é o ouvinte, quando não consegue ficar parado com o ritmo do forró em "É de dar água na boca, quando olho pra você".

É nessa comilança que as bocas cheias de águas suas e alheias, com as línguas inflamadas de vontades, descem em busca das águas dos sexos que escorrem lentas por lábios e glândula, lábios e lábios, glândula e glândula, tanto faz, lubrificando o prazer. Dizem que uma pastilha nessa hora estimula ainda mais as glândulas salivares e aí haja água.

O poeta cearense Quintino Cunha comparou o encontro amoroso com o encontro de rios:

"Vê bem, Maria, aqui se cruzam: este
É o Rio Negro, aquele é o Solimões.
Vê bem como este contra aquele investe,
como a saudade com as recordações.

.....

Se estes dois rios fôssemos, Maria,
Todas as vezes que nos encontramos,
Que Amazonas de amor não sairia,
De mim, de ti, de nós que nos amamos."

O encontro amoroso, sexual ou não, pode ser uma pororoca, é verdade. E também uma degustação, um encontro de líquidos com sólidos, água e terra enlaçados. É Hilda Hilst que, mesmo afirmando "sou menos quando não sou líquida", admite a ambivalência: "E sendo água, amor, querer ser terra". A troca amorosa é que altera as substâncias, move o mundo e isso pode acontecer numa simples refeição. O encontro entre saliva e alimento transforma sólidos e líquidos em um elemento composto, um terceiro: o/a pastoso/a.

Mas a água na boca é independente. Ela é perene, está lá ainda que não desejemos comer algo especial. Se não como enxurrada, a água na boca é, entretanto, indispensável. Pode ser que nem percebamos sua presença, como não nos damos conta da lágrima cotidiana e do muco vaginal. Só quem já experimentou secura no olho, na boca e na vagina sabe bem a falta que faz o molhado nessas áreas. Sexo no seco, então, é indesejável.

De todas as águas, a da boca parece ser a mais limitada. Nada que se compare à correnteza dos rios, aos mistérios do mar, às benesses ou martírios das chuvas, a depender da intensidade com que caem. Ao contrário, as águas da boca têm pequeno espaço para circular, a comida e

o sexo são seus maiores provocadores. É, parece que das águas do corpo, as que se acumulam na boca são menos, digamos, poéticas. Sem a pluralidade significativa das lágrimas (sofrimento, alegria, emoção, covardia) ou a sacralidade dos fluidos amnióticos, a água da boca parece ter menos importância.

Apenas parece.

Se toda água é feminina e uma realidade poética completa, como afirmou Bachelard em *A água e os sonhos*, a água que dá na boca, que se avoluma pelo cheiro ou visão do alimento, tanto o que tem como destino o estômago, como o que se prepara nas partes erógenas do corpo, é uma realidade amorosa completa. O desejo pela comida, em qualquer dos sentidos que usamos aqui, é desejo de vida, é amor.

Das águas que fartam

Ana Santana Souza

Se você beira os 50 e é das bandas do Nordeste brasileiro talvez possa, quem sabe, assinar embaixo do que vou dizer. Se não é de meia idade e muito menos nordestino, mas, pelo menos, conhece alguém dessas bandas, pode ser que saiba a lasqueira que é a seca no sertão. Se não sabe ou esqueceu, segue uma dica que, rapidinho, lhe dará uma amostra: ouça as músicas que narram o flagelo da seca. Há uma penca delas, muitas faziam o ouvinte se debulhar em lágrimas. Sugiro que você, antes de prosseguir na leitura, escute, pelo menos, *Triste partida*, de Patativa do Assaré, na voz de Luiz Gonzaga (<https://www.youtube.com/watch?v=-onNm-67BqE>).

Não tem quem não se comova com as histórias de famílias que debandaram da terra natal em busca de melhores dias. Mas não é da seca que quero falar. Falarei das águas que faltam apenas para empoderar a presença, dar a ver as águas que fartam. Não é quando perdemos algo que lhe damos mais valor? Se você nem sabe da existência de uma coisa, ou, por outra, nunca ficou sem ela, vai lá sentir sua falta? Pois pronto, é por aí que segue esta prosa. Só que tem um detalhe: a água que me interessa aqui não é água-água, água no sentido exato da palavra. Já disse, me

interessa a falta d'água para eu poder falar de outras águas: água-trabalho, água-estudo, água-inclusão.

A falta d'água, estiagem, seca, como queiram, mata. E não mata só gente não. Mata bicho, planta, fé. É triste a partida, é triste a permanência, mas, se o negócio é chuva, então, colega, o paraíso é na terra. Parece que Deus resolveu perdoar os pecados e abriu as torneiras do céu. Sim, isso mesmo, tudo coisa lá de cima. E haja reza pedindo clemência. Quando começam as chuvas no sertão, meninada grita embaixo das bicas: "abaixe a mão, mãe de Deus". Por décadas, creditamos nossas águas ou a falta delas, nessa ordem, à recompensa ou ao castigo divino. E é claro que os mais agradecidos (a Deus ou ao Diabo, quem sabe) sempre foram os políticos locais que aproveitavam o desespero do povo para fazer carreira como "anjos do céu". As frentes de emergência e outros arranjos "caridosos" apenas mantinham de pé os eleitores que pagavam, com votos, as esmolas. O coronelismo se espichou à vontade com a tal indústria da seca.

Aliás, o tema da seca fez sucesso demais. Na política, no jornalismo, na arte, na área que for. A estética da seca compôs versos, familiarizou personagens, revolucionou o cinema, lotou casas de shows, enfim, colecionou de tudo, entre belezas (quase sagradas) e misérias. A estiagem só não rendia mesmo era estudo e emprego para os ressequidos do sertão de dentro, daquela parte que carece de tudo. Nesses rincões, a fome expulsava a vida. Os retirantes se danavam no meio do mundo em busca de trabalho, mas só conseguiam mesmo era vaga de escravo. Era "de pió a pió", igual a cantiga da perua, como diria Jackson do Pandeiro.

Mas as coisas mudaram de rumo. Não que a natureza tenha se apiedado do povo e desistido de rachar o chão. Que nada! Seca, no sertão, é parte da gente, como dente, rim, olho ou outro órgão qualquer, só que doente. Quando sadio, você nem se lembra que ele existe, mas se bixado, logo a trégua acaba e o danado lateja, coça, pinica, é quando você se dá conta que a criatura tem vida própria.

As coisas mudaram de rumo porque começou, no dizer de Manoel de Barros, a "chover no futuro". Os sinais do "tempo se preparando para chover" foram avistados quando os milicos se apearam do poder. Mandacaru fulorou na seca, mas dessa vez era sinal de outra chuva que chegava ao sertão, trazida pelo próprio povo que, pelo menos em parte, se tocava que Deus não tinha nenhuma responsabilidade sobre nossos tormentos. Essa gente, que antes só não fazia chover, deu até nó em pingo d'água. O que parecia impossível se deu. Pense numa proeza: o povo se espremeu e alocou seu suor e lágrimas num reservatório no topo do país. Foi quando tivemos notícia de águas aos borbotões. Não foi assim nenhuma enchente, dessas de arrancar toco, estourar parede de açude, mas era água como nunca se tinha visto antes: de beber, de cultivo, de cozinhar e de banhar. Essas chuvas de futuro tem nome: bolsa família, minha casa minha vida, cisternas, institutos federais, universidades, programas de inclusão de tudo quanto é minoria e mais um rosário de medidas que não dá para desfiar agora, mas que dá para comparar com aqueles torós que faz o sertanejo ter esperança de que o inverno vai ser bom.

Quando o inverno pega no interior, vai todo mundo para as pontes, as paredes e sangradouros dos açudes conferir a água jorrando. Bom para

testemunhar chuva de futuro são as formaturas. Claro, todo estudo rega o porvir. A diferença é que antes essas águas eram como chuvas no litoral, não mudavam radicalmente a paisagem. Traduzindo: o grosso dos concluintes espelhava a opulência das famílias, quase ninguém comeria ou moraria melhor porque receberia um diploma. Depois não, depois a coisa mudou de figura e a água, antes cristalina, foi baldeada. A cara dos formandos passou a refletir o torrão da origem. No sertão, é bonito de se ver rio de barreira a barreira e filho de pobre se formando, parece que a gente verdeja é por dentro.

Nós sertanejos, todo ano, principalmente depois de uma seca, desejamos, com todas as nossas forças, que as chuvas caiam o suficiente para encher as cisternas, avolumar a correnteza dos rios e sangrar açudes. Sabemos que é preciso uma temporada de chuvas para isso acontecer, mas vibramos com cada biqueira que escorre. E como seguro morreu de velho, vigiamos os reservatórios porque não estamos livres das secas. As da natureza são difíceis, mas as piores são as tramadas pelos que se acham donos do mundo. Volta e meia, eles ameaçam fechar as torneiras.

De uns anos para cá, o Nordeste experimentou dois formatos de secas brabas, de ordem diversas, mas com efeitos parecidos. Uma que esvaziou barragens enormes, fechou os chuveiros dos banheiros e até os banhos de cuia eram raros. Foi um alarido grande, mas ninguém precisou virar retirante nas estradas e nem pedir sobra de comida nas casas como antigamente. Por isso, não houve interesse na produção de documentários sobre nordestinos subnutridos, não tocou no rádio nenhum novo sucesso sobre uma triste partida, nenhuma pintura nova expressando a fome

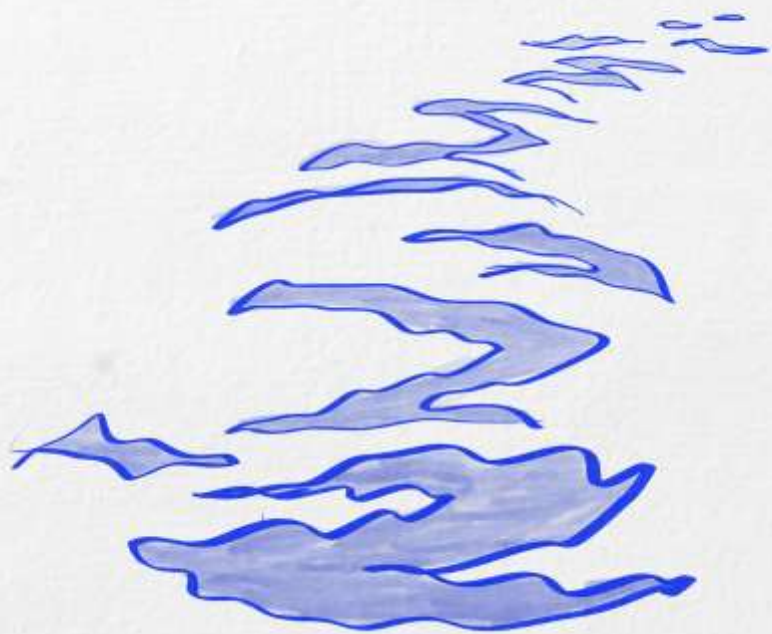
esbugalhada nos olhos de algum homem do campo. Sabe por quê? porque as chuvas do futuro haviam preparado o terreno para essas situações. Por isso, a arte não precisou denunciar os efeitos dessa seca, já a outra...essa foi espantosa até demais.

Pense numa seca dramática! Os coronéis se espicharam com tudo. Falavam em nome da família, da deles, claro, como sempre. Em pouco anos, reuniram séculos de estiagem e a fome começou a nos espreitar em cada esquina. Ficamos meio atordoados, é verdade. Principalmente porque o temor era de que a molecada, ilustre desconhecida da seca, acreditasse que sinônimo de pobreza é preguiça. Mas aí a chuva daquele reservatório no topo do país já havia molhado a terra com força. Os artistas se puseram a condenar essa outra seca e juntos com os trabalhadores sem terra e sem teto, estudantes, mulheres organizadas, gays, lésbicas, trans e quem mais se mantinha vigilante, denunciaram os diques que os tiranos construíram para represar o líquido precioso nas suas terras. A água que molhou nosso chão há apenas uns anos atrás, principalmente a que abriu as portas dos institutos federais e universidades, irrigou a disposição de luta da nossa gente. Tanto que não cabemos mais em uma região apenas, nossa peleja transpõe fronteiras, se soma a de outros explorados. Cabe no nosso canto todos os retirantes do mundo, todos a quem sonégam o bem da água, nos mais variados sentidos.

Pera! Melhor não exagerar, tem nordestino pobre desmemoriado ou que nasceu ontem que não sabe o que significa ter que deixar seu lugar, seu povo, seus costumes, para viver em outras terras. É por não cultivar a

memória do seu povo que ele se revolta com imigrantes que vêm se refugiar no Brasil. Essa é a mais feia e miserável falta de água.

Apesar dos bons frutos, ainda há motivos para uma estética da escassez . Ainda é preciso, e talvez nunca deixe de sê-lo, entoar o canto da falta, pintar o desespero de quem só tem filhos para criar e mais nada, dançar sobre o chão de pedra da ignorância. O sertão não vai virar mar de um momento para o outro, apenas porque tivemos um punhado de políticas de inclusão. É indispensável muita chuva nas escolas para que o pobre saiba exigir seus direitos e o remediado e o rico entendam que só viveremos em paz quando não houver pobreza. Muita água haverá de correr ainda para que esse mesmo povo sofrido exercite a empatia. Esse nível de igualdade e consciência ainda demoraremos a alcançar, mas se não houver resistência, se não exigirmos medidas para a volta das águas que regam o futuro, e com mais intensidade, nunca chegaremos lá. É preciso reinventar a chuva com nosso suor, lágrimas e salivas. Pensemos como Clarice Lispector em *Água viva*: "o que vai ser já é".



Ser tão puro

Carlos Alexandre Nascimento Aragão³

No silêncio intrínseco do meu eu, ela aparece para reanimar minha incompreensível vida. Sempre vem cheia de energia, tornando o meu dia mais agradável. Ao penetrar no branco do algodão doce, colorindo de cinza o horizonte, rompe as teias açucaradas e desce como uma linda bailarina. Ao tocar ao solo se quebra em minúsculas partículas que saem saltitando como uma criança ao ser agraciada com um pirulito. Seu charme de bailarina se desfaz. Inicia a corrida até o lugar onde ficará reservada por algum tempo. Pena que a sua liberdade logo se transformará em um aprisionamento. Ficaré por algum tempo servindo a todos, mas outros seres agirão com malvadeza.

Não pode reagir por não ter força fora dos seus limites. És útil a todos! Perigosa ao ser desafiada. Sua função a enobrece, criando laços estreitos entre o homem e a vida. Viver sem sua existência é padecer no purgatório. Tão necessária quanto o ar que respiramos. Rica em energia, suave como a brisa do mar.

³ Carlos Alexandre Nascimento Aragão é professor de Língua Portuguesa no Centro de Excelência 28 de Janeiro, Monte Alegre de Sergipe. Desenvolve pesquisa em Língua Portuguesa com foco na Análise do Discurso e coordena projetos no campo da poesia, tais como: "A Poesia indo à Escola", "Plêiade Cavalo-do-Cão" e "De Mãos dadas com a Poesia". É Membro Efetivo da Academia Gloriense de Letras e da Academia Aquidabãense de Letras, Cultura e Artes. Foi um dos coordenadores adjuntos do projeto "Jovens Cronistas do Sertão".

Formada por dois elementos químicos que no campo filosófico se traduzem em Homem, ser pensante capaz de transformar mundos, e Oração, ação necessária à vida humana que conduz a conexão entre o homem e Deus.

O “H”, oitava letra do alfabeto, e o “O”, décima quinta letra, se energizam ao serem ligadas pelo número 2 e tornam-se um só corpo: água.

Incolor, límpida, insípida, maltratada, poluída e ameaçada pelo ser que mais precisa dela. O que fazer? Não sei, pois todos sabem que é preciso cuidar e o caminho percorrido é inverso. Talvez o fato de imaginarmos que é infinita nos posicione em um lugar de conforto que no amanhã será desconfortável.

Respeitar a majestade

Carlos Alexandre Nascimento Aragão

O lenço é tirado do bolso. Todos ficam a observar aquela cena. O jovem busca uma mão amiga, mas não a encontra. Por quê?

Acredita-se que a vida não foi tão suave para ele e os seus. Motivo? Desconhecido. Sabe-se que a caminhada terrestre lhe traz vários aprendizados desde o início. Ao nascer foi violentado pelo mal preparo do profissional que realizou o parto. Envolvido pelo cordão umbilical quase foi asfixiado. A angústia e o desespero tomaram conta de todo o seu pequenino corpo.

Foi crescendo e observando que a vida às vezes é cruel e boa. Aos 7 anos teve uma forte queimadura devido à peraltice. Estava em casa com sua mãe e foi até o fogão onde se encontrava uma panela com água em ebulição. A curiosidade o fez virar todo o líquido em sua barriga. Fortes gritos brotaram do seu interior. Sua mãe desesperadamente o levou ao hospital, mas era tarde para impedir alguma sequela.

O hospital passou a ser sua casa. Foram três meses de tratamento. O corpo reagiu, porém as cicatrizes serão eternas. Aprendeu a lição. Nada de mexer com água seja quente ou fria.

A rotina diária voltou ao ritmo natural. A adolescência chegou e os conflitos aumentaram. Era de poucos amigos, porém amizades sólidas. Na manhã de uma segunda-feira foi com os amigos tomar banho em uma grande barragem. A turma toda animada para mergulhar nos braços daquela água escura. Ele não tinha habilidade para nadar, mas aventurava-se, modo de afirmar aos demais que tinha uma boa relação com a água. Sua ação custou um preço alto.

Ao cair nos braços do líquido escuro, suas sensações foram de um extremo ao outro: felicidade e desespero. A felicidade por conseguir estar ali com os amigos e desespero por não saber domar o líquido escuro. Ao perceber a profundidade não teve como voltar e ali parecia ter chegado ao fim. Repentinamente, um amigo percebeu a situação e o ajudou a sair daquela situação, mas em contrapartida não se salvou.

Todos se desesperaram. Ninguém era capaz de devolver o dom da vida ao garoto herói. Logo, estavam entre dois paradoxos: o líquido essencial à vida, é também responsável por tirá-la rapidamente.

É preciso conviver com essa realidade. Respeitar o limite entre o homem e a água, o essencial e o extravagante, a rainha da nossa vida.

Maré baixa

Christina Ramalho⁴

Há também o tempo de antiáguas. Maré baixa que impede navegações e gestos. Ausência azul de ondas, silêncio na fala antes corriqueira das praias. Tempo de pensar nas águas como utopias ou tempo mesmo de sequer ter sede ou desejo de umidade lavando a pele.

Antigotas de céus e oceanos abandonados permeiam poros e pensamentos. E, na inutilidade do vazio, seca, ainda mais, a possibilidade de reinauguração das íntimas fontes. Tudo é secura e sepulcro. E nadar é apenas a conjugação de um verbo derivado de nada.

Para que tudo se derrame em líquidos, de nada adiantam o choro engasgado na garganta ou os dentes trincados em plena renúncia da revelação dessa maré infame. Toda e qualquer resistência férrea se desvanece ao se perceber igualmente inútil. Perde-se, portanto, o rumo das nascentes, dos gêiseres, dos poços, de todo e qualquer manancial. Da água,

⁴ Carioca, Doutora em Letras/Semiologia (UFRJ, 2004) e Professora-Adjunta de Literaturas de Língua Portuguesa e Estágio Supervisionado na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Autora de mais de 30 livros de teoria, história e crítica literária, poemas, contos e crônicas. Os mais recentes são *fio de tensão* (poemas, 2018), *Lição de voar* (poemas, 2019) e *Poemas mínimos* (2019). Especialista em Estudos Épicos e coordenadora do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos (CIMEEP – www.cimeep.com). Site: [mixturas – www.ramalhocris.com](http://mixturas-ramalhochris.com).

somente a remota maciez no solo do quarto secreto onde insistem em viver as esperanças.

Quem se acha em plena maré baixa, mas decide caminhar, sabe que pode se perder entre as brenhas e os cânions das horas. Sabe que, no labiríntico caminho, surgirão minotauros e faunos a serem enfrentados sem a possibilidade das lágrimas. Sabe, enfim, que tudo parecerá percorrer os sons da palavra “não” ecoando nas cavernas próximas e distantes.

Na maré baixa, entretanto, sobrevive a metonímica gota da estação das cheias. Onde ela está? Na beira do caminho que se faz ao andar.

Limo

Christina Ramalho

Tudo em seu corpo é limo. Manto verde e escorregadio por onde passeio minhas mãos. Umidade que me umedece, campo santo para a própria morte, porque, em seu limo, mil espécies de flores se aninham à espera da florada de amanhã.

Tudo em seu corpo é limo. Cobertor de sonhos que me embala o sono e que, de repente, me acorda, para que vivamos a demora viscosa de um amor nada líquido e, no entanto, cheio deles.

Tudo em seu corpo é limo. Suaves montanhas de gestos verdes amadurecendo, todos os dias, a história que escorre em nossas veias enamoradas. Tapete de algas que nutre nossas almas com a música redonda de todos os telegramas.

Tudo em seu corpo é limo. E, por isso, eu rimo com cada partícula de seu universo.



É ela a fonte da vida?

Daynara Côrtes⁵

*“Águas escuras dos rios
Que levam a fertilidade ao sertão
Águas que banham aldeias
E matam a sede da população”*

Guilherme Arantes

Na secura de uma terra empoeirada, uma menina de olhos cor do oceano fazia para si mesma a seguinte pergunta: é ela a fonte da vida? No dia anterior, quando todos os assentados se reuniram para uma plenária decisiva que indicaria o destino de numerosas famílias, a inquietação da dúvida lhe tocava a consciência. Havia percebido desde as suas primeiras experiências infantis que a vida é cruel para com os mais pobres, mas não imaginava ser tão duro diante da negação um recurso natural.

– Se é próprio da natureza, todos nós temos direito! Reivindicava ferozmente a falta de água.

A sua mãe, por muitas vezes agitada devido às contingências de uma vida marcada pelas agudezas refletidas no corpo e na memória, inicialmente não dava ouvidos à menina que crescia entre o amontoado de barracões e um córrego de esgoto. Buscava não compreender a tomada de

⁵ Uma aracajuana de coração sertanejo. Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe.

consciência aos poucos sendo construída e tomando as formas de um pássaro pronto para alçar voo. Alto, voaria até atingir distância suficiente de enxergar todos, cada um em sua singularidade, e formar um mar de gente que lhe ofereceria alimento suficiente para despejar suas revoltas.

– Não temos água! Não temos a garantia da moradia! Não temos segurança! Dizia um dos assentados no programa de TV que lhe concedera o espaço.

A menina assistia à movimentação com ar de inquietude e tristeza. A violação da infância já havia sido feita. Não tinha como correr atrás do tempo perdido. A cada dia sobrevivido, um choque.

Até, então, passeando entre lonas pretas e bandeiras rubras que apontavam um horizonte de esperança, a menina encontrou uma revista. Tentou desmistificar o trajeto dela até chegar em um ambiente negado; o seu lugar de morada. Pensou na possibilidade de esquecimento dos catadores assentados, mas logo desfez tal hipótese, dado a saída deles em meses anteriores. Havia sido remanejados para um assentamento em zona próximo à cidade por forças do trabalho e manutenção do estado físico. Eram todos velhos.

Com ar de curiosidade, mas desconcertada pelos desenhos minúsculos que formavam linhas com curvas, pegou a revista como se fosse algo proibido. Seus olhos azuis corriam assustados entre uma paisagem virgem e árida e outra paisagem modificada pela força humana para examinar se alguém lhe fitava. Não havia ninguém. Era mais uma plenária.

Um conforto interior.

Sentou no solo aquecido pelo sol e tentou compreender a primeira imagem que os seus olhos descortinavam. Havia uma corrente extensa de água. Observado à distância, tinha a configuração de um rio. Logo pensou na imensidão e profundidade daquelas águas. Hesitou interpretar qual lugar a imagem fazia referência. Mesmo assim, a sua interpretação se imbuía de experiências pessoais. Sabia que a negação de um recurso natural é resultado dos interesses mesquinhos ainda cultivados pela humanidade. Mas sabia que em seu núcleo, no assentamento que lhe abrigou desde os primeiros meses de vida, o companheirismo é escudo para os desacertos humanos.

Percebeu que a capa retomava a história dos povos ribeirinhos nos arredores dos 2.830 km que compunham o Rio São Francisco. O mesmo rio percorria cidades repletas de gente à procura de água e gente que não tinha como preocupação a ausência dela. Tão iguais em necessidades. Tão diferentes em condições reais de vida.

Folheando as páginas daquele objeto que mantinha uma simbologia maior que um amontoado de informações organizadas textualmente, a menina se deu conta das horas corridas. Aos poucos, percebeu o sol distanciando-se, trazendo um frescor arenoso comum ao final das tardes.

– Maria Rita, venha comer! Larga essa revista e vem antes de anoitecer!

A menina, sem trepidar, correu em encontro às famílias assentadas que arrodeavam uma mesa extensa e farta. Tinham recebido no início da semana mantimentos doados pela população que aos poucos iam se sensibilizando com a peleja daquela gente.

Seus olhos azuis correram pela quantidade numerosa de pessoas que sorriam pela garantia nutritiva do início da noite em um final de domingo. Ela percebeu, com a esperteza que lhe pertencia, como mesmo diante das dificuldades, havia espontaneidade e verdade em cada cumprimento.

Comeu. Comeu de tal modo que o gosto da comida parecia ter sabor diferente ao comum. Feito em uma cozinha coletiva, passado por mãos de mulheres e homens, lhe apetecia o alimento e o momento.

Findo o jantar coletivo, as pessoas se organizavam de acordo com as últimas tarefas do dia. A menina correu para o barracão de identificação G8 261 e deitou em lençóis acumulados. Pensou na falta de água na localidade. Contrariamente, pensou na abundância de coragem e afeto presentes. Percebeu como nem mesmo a retirada de um recurso natural era capaz de ocasionar desunião em sua zona.

Sentiu consolo. Adorameceu.

No dia seguinte, a revista acompanhou os cadernos que preenchiam a sua mochila repleta de sonhos. Era uma segunda-feira. Mais um dia na escola comunitária. O tema da aula, a água. O texto produzido de autoria tinha como título: A água e o companheirismo como fontes da vida.

Aracaju, Sergipe

26/07/2018

Suores

Douglas Magnilson⁶

Como dorme serena aquela matéria. Seu semblante se esconde entre as ondas da coberta, enquanto seus cabelos banham as costas arenosas. Ainda vejo deslizar o gracioso córrego acre na sua infinita silhueta, embora já tenha terminado a batalha delicada das nossas peles. Ainda me tenho como um itinerante peixinho, que pouco sabe nadar, tentando me salvar da sua arrebatarão mimosa. O calor das almas e os toques avulsos estirados sobre a cama. Dorme, pequena. Dorme, enquanto admiro essa fluente transcorrer suas curvas de deformidades góticas que nem Gaudi poderia expressar....

A pele, alva e lisa como a polpa da maçã, transpirava um líquido que parecia como o sumo ácido da laranja. Ao prová-lo tinha mesmo era o sabor de cachaça.... Não deu em outra, embebedei-me... Foi um reboliço, meu Deus! Um samba folclore! Um maracatu! E no encontro das nossas águas, do atrito fervoroso, fez-se um carnaval de tempestade!

Agora, tudo é suave. O vento sorrateiro que entra pela fresta da janela canta uma cantiga de ninar. E, assim, ela dorme tranquila, imersa na sua graça mulheril. Eu, admiro-a como um descobridor.

É mudo o fim da guerra. É mel o suor que ela emana.

⁶ Douglas Magnilson tem 24 anos, é graduando em Letras pela UFS e natural de Lagarto-SE.

In vino veritas

Douglas Magnilson

Eu e uma taça de vinho, debruçados na varanda do quinto andar. A noite, frágil e lenta, debruça-se, espelhada, nos meus olhos. Ele, com sua expressão vermelha como o diabo ou coisa parecida, se é que o coisa ruim é mesmo vermelho, é a minha salvação. Encaramo-nos como dois felinos olhando para o mesmo pedaço de carne. Somos duas almas vagando no limbo dos instantes. Luzes ao chão, luzes ao céu. A cidade é uma poesia concreta, diz o meu coração. Não... Exagero romântico, diz minha consciência.

O vento me sussurra segredos nas faces em ardor, enquanto penso em musas bacantes me devorando o peito. Animais famintos do desejo. Certamente, Baco se faz presente. E essa transubstância, por ele abençoada, percorre meus pensamentos vagos. Suave, toco com a ponta trêmula da língua seu sangue de delírio, enquanto seu perfume adentra as minhas narinas, levando-me ao mais desatinado orgasmo do espírito. Não obstante, tal essência tem o sabor de amores fracassados. Uma flor sacana com espinho.

Perdi o romantismo uma noite dessas em que não se tem varanda nem moças nas janelas. E o vinho quando não tomado por românticos é só um suco artificial de uva. Seu pudor e álcool estão no tesão

aflito pelo outro, contendo em si o antídoto para escapar da tormenta das horas solitárias, que cavalgam ferozmente nas nossas veias. O filósofo que falou de amores líquidos muito provavelmente nunca bebeu vinho.

A noite se oculta. A insônia, que um dia foi sonâmbula, deságua da minha boca num bocejo embriagado. Lá embaixo vejo perambular cambaleando um camarada boêmio, que se espatifa no chão como um algodão sujo, mas logo se põe de pé; firme e orgulhoso. Muito o invejo, pois quando caí do alto da minha agonia, entreguei-me ao solo frio por longos anos.... Já estou na velhice da minha juventude e ainda não renasci.

Renascer. Livrar-me do defunto que trago enterrado no peito. Lembro do cantor popular, que usou de um provérbio, para cantar que a verdade está no vinho. E, assim, derramo o derradeiro gole, provocante e renunciador, no meu baço. E a noite ainda não chegou ao fim.

Luzes ao céu, luzes ao chão. O boêmio segue torto pelas ruas bêbadas. Eu sigo trêmulo nas linhas indecisas e covardes deste papel.



- Tu vais nos deixar morrer?

Éverton Santos⁷

Pela manhã, o peixeiro passou aqui em casa e trouxe a encomenda de mamãe. Como ela não estava, fui buscar a penca de peixes, uns seis, unidos todos pela boca por uma palha verde. Segurei pela amarração e só então, dado o repentino reboiço quase generalizado por parte dos animais em minha mão, percebi que alguns ainda estavam vivos, frescos, e senti como uma falta de ar: aqueles peixes pediam água, balbuciavam serenamente, lutavam contra a morte, negavam-se a dar o último suspiro, tentavam encontrar forças fora do seu hábitat.

Foi aí que me vi como culpado, apesar de já ter pescado tantas vezes. Nunca agredi a cadeia alimentar e afinal eu sabia que era fato que os homens comiam peixe, assim como outros tantos animais faziam parte da culinária rica em proteínas que a maioria das pessoas consome. Por um instante imaginei que um instinto vegetariano havia gritado em mim e pedia para que eu encontrasse o rio mais próximo para devolver a vida que se esvaía naqueles inofensivos seres esbugalhados de sede. Contudo, a

⁷ Graduado em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus Prof. Alberto Carvalho, Itabaiana/SE, Mestre em Letras, pela mesma instituição, na área de Literatura e Cultura. Atualmente, está no Doutorado, sob orientação da Profa. Dra. Christina Ramalho. Dedicar-se também a escrever crônicas e poemas, bem como a revisar textos acadêmicos. E-mail: evertonufs2010@hotmail.com.

minha única ação - ou reação? - foi colocá-los num vasilhame, que eu sabia servir como uma maca de hospital, na qual eles, enfim, iriam expirar.

Fiquei transtornado. A água era essencial para os peixes, e o que era de tal importância para mim? Sem o que eu não viveria? Será que, assim como aquela palha que unia os animais na hora da morte, estaria eu ligado a algo, a alguém, de forma que, sem isso, eu também fosse definhar até o silêncio do fim? O que há em cada momento vivenciado que me mantém de pé, dando-me suporte para que o vazio não me absorva? Será, me pergunto ainda, que podem os peixes me trazer essa dor de cabeça maçante, impregnar meu corpo com um súbito mal-estar?

Lamento dizer, mas cada um carrega um ponto fraco, traz seu edifício interior, seu espelho machadiano. Dentro de si ou no entorno, há, claramente, para todos, as muletas que amparam e possibilitam a trajetória. A água é para os peixes aquilo que o amor chega a ser para tantos humanos. Assim como o trabalho, a casa, a família, o ego que se satisfaz em si mesmo. Perdendo isso, o que resta? O insosso, o dissabor, o oco impreenchível? E onde o ânimo para recomeçar? Conseguimos, de alguma forma, substituir algo fundamental quando de nós é retirado? Teremos mais sorte que os peixes? Sabemos sair dos labirintos, nos desenredar das teias, levantar da cama e começar a contagem a partir da origem, do marco zero?

É preciso coragem para reencontrar as rédeas, principalmente quando a luz não está acesa. Da chama que se apaga, onde estará

Prometeu? Poderia ele me trazer a paz do conhecimento? Oh Sócrates, poderia você me ajudar a decifrar esse desafio?

Lamento, mas acho que a Esfinge me há de devorar.

Enquanto escrevo, os peixes, na geladeira, pararam de se debater.

Chuva, chuvas

Éverton Santos

Eu considereei que água que cai do céu não tem apenas uma interpretação. Para quem no aconchego do lar, chuva é vida; para quem em situação de rua, é perigo de vida. Para quem toma banho de chuva, é purificação; quando a chuva é ácida, corrosão. Chuva, quando cai no rio, o transborda, é bonança; chuva sobre o mar não o adoça, não faz diferença. Porque chuva não é uma coisa só, existe a metafísica da chuva.

Eu considereei que chuva, quando cai no sertão, é vida nova por alguns meses antes da nova seca; quando cai na cidade, por vezes é inundação e caos. Se chove quando morre alguém, dizem estar lavando os pecados ou que é o céu que chora; mas se chove em dia de praia, em feriado prolongado, diz-se que é azar, gera-se frustração. É que chuva não chove de um jeito só, cada gota tem um peso: tanto é que, se pouca, garoa; se muita, tempestade.

Considereei, por fim, que nem eu, nem o outro, nem a chuva somos somente um: depende de quando e como passamos. E nem sob a mesma chuva formamos um, pois somos uma variedade de uns, como gotas de uma mesma chuva, em seu espectro de múltiplo fenômeno, que não se reduz a um só pensar.

A chuva que não chove

Fátima Bettencourt⁸

Alguém, em algum lugar, terá escutado as nossas preces ou será o caso de se poder reunir dez justos nesta Ninive? O certo é que quando já não se esperava, caíram as benditas chuvas, não sei se por todo o país, mas pelo menos nas ilhas mais produtivas.

Enquanto *“esverdinham-se os montes”* uma nova esperança aparece no olhar dos camponeses, das vendedeiras do mercado e sobretudo das compradoras para quem as compras de todos os dias estavam quase proibidas, com os preços disparando a cada dia que passava. Valha-nos então a certeza que vem aí feijão verde, abóbora, hortaliças, muitas, mesmo que para o milho a chuva seja por demais tardia. A acreditar

⁸ Fátima Bettencourt nasceu em Santo Antão, mas é em S. Vicente que cresce e estuda o liceu. Em Lisboa faz o Curso do Magistério Primário tendo exercido a profissão de professora em algumas ilhas do país e também em Portugal, Angola, Guiné-Bissau para terminar a carreira em Cabo Verde na Rádio Educativa. Como actividade paralela exerceu a de jornalista radiofónica como produtora e apresentadora de programas em Cabo Verde, Angola e Guiné-Bissau. É membro da Associação de Escritores e membro fundador da Academia Cabo-verdiana de Letras a cuja direcção pertence. Foi galardoada com o Prémio Eugénio Tavares da Crónica Jornalística pela AEC em 20006. Foi condecorada em 2005 pelo Governo de Cabo Verde com a medalha de Mérito Cultural e em 2010 pelo Presidente da República com a medalha do Vulcão pela atividade desenvolvida na área da cultura. Do seu percurso literário fazem parte: 1994; - *Semear em Pó*, contos; 1996 – *A Cruz do Rufino*, infanto-juvenil; 2001 – *Um Certo Olhar*, crónicas; 2002 – *Antologia de ficção dos Pós-claridosos* (participação); 2006 – *Mar – Caminho Adubado de Esperança*, contos; 2008 – *Lugar de Suor, Pão e Alegria*, crónicas; 2008 – Participação na antologia de contistas cabo-verdianas org. por Ondina Ferreira, com o título de *Elas Contam*; 2010 – *Claridade – A Palavra dos Outros*, Compilação de estudos, críticas e comentários sobre o Movimento Claridoso e seus protagonistas.

em Baltasar Lopes, chuva que não produz milho não é digna do honroso título de boas as-águas, o que não impede que o sentimento geral seja de gratidão.

A nossa cidade é que não foi feita para chuva que rapidamente se transforma em caudais de lama, charcos, lagoas e pântanos. Galga pontes e acaba no mar onde não tem qualquer préstimo. Os mais deserdados, esses sentem na pele e nas paredes dos periclitantes lares o acerto de um dos nossos poetas ao afirmar *“Si ca tem tchuba, morrê di sede / Si tchuba bem, morrê fogado.”* (Se a chuva não vem, morremos de sede/ se ela vem, morremos afogados).

Esta é a triste sina secular destas ilhas, sina que nos leva a, com uma mão pedir a Deus as benditas gotas e com a outra acender uma vela a Santa Bárbara que lá nas nuvens é a soberana dos temporais. Esta é a suprema ironia de certa forma presente em Pedro Cardoso na sua denúncia poética: *“Afagam-te o colo as vagas / e morres à míngua de água”*. Os poetas, porém, casados com a respiração do mundo, segundo Osvaldo Alcântara, sempre encontram um equilíbrio e uma janela de esperança e é Corsino Fortes que nos abre essa janela dizendo que *“o povo agora chove a sua própria chuva”*.

Bendita chuva que em tão poucos dias começa a atapetar de verde as nossas encostas para a festa dos nossos olhos e do gado carente. É visível como os homens e mulheres que trabalham a terra começam a sonhar e a construir planos, improvisam silos à porta de casa, ele deita um olho gordo à companheira e segreda-lhe: *“É este ano que vamos casar”*. Em ambos a embriaguez do cheiro da terra molhada e toda a vitalidade que traz consigo,

que avassala e entra pelas veias a dentro. Casamento talvez não haja, que as tarefas agrícolas não dão uma aberta para a papelada, mas quando ela se deitar para ter o próximo filho, olhará para o teto e lá estarão os molhos de espigas da tranquilidade.

Praia, 15/08/18

Ela e Ele

Fátima Bettencourt

Ela é Manuela, registada como Hirondina. Ele é Manuel dos Santos, mais conhecido por Santo. Como cheguei a esses dois? Por puro palpite ou algo mais que não sei explicar. Mas o melhor mesmo é começar do princípio para contar como numa certa manhã parti para o subúrbio mais periférico da minha cidade, sem uma ideia concreta sobre o quê ou quem iria achar.

Através de um amigo, tinha recebido, dias antes, um pedido duma revista suíça para entrevistar duas pessoas cujas vidas estivessem ligadas à água. De imediato pensei em mar e chafariz. Outra pessoa de qualquer outro país teria pensado em rio, lagoa, ribeira, cascata e todos os lugares lindos e aprazíveis onde a água embeleza a paisagem e canta entre calhaus para inspirar trovadores e poetas. Outra pessoa sim, não uma saheliana como eu, que vive numa terra árida onde quase nunca chove, os animais morrem por falta de pasto e água para beber, as colheitas secam antes da maturação deixando os camponeses sem alimento. Esta criatura que vive na ausência de água, não em carácter transitório, mas secular, esta pensa em chafariz onde, em dia de sorte, conseguirá apanhar um boião de 5 litros do precioso líquido, não tão precioso porque antes de chegar à minha vasilha, já andou por depósitos e canos de higiene duvidosa e não poderá ser usada, com segurança, antes de filtrada e fervida.

Falei em chafariz como opção mais sedutora porque, dada a hipótese de a água não comparecer onde se espera, terei que procurar um

carro que abastece ao domicílio ou partir para uma espécie de luta corpo a corpo, diretamente na boca do poço correndo o risco de desabar lá em baixo onde, ao longe, vejo refletida a minha imagem, qual Narciso mirando a própria beleza, só que no caso o que mais vejo são expressões e rugas de tensão e angústia. Será pelo primitivo método de corda amarrada a um balde e puxado a pulso que, finalmente, verei sair um líquido mais próximo de lama do que outra coisa, a que ninguém me poderá obrigar a chamar de precioso líquido.

Depois deste ramal aquático pelo qual naveguei nos últimos minutos, saio à procura duma mulata da cor da tâmara madura que vi há pouco equilibrando sobre as grossas tranças nada mais que uma lata cheia de água. Achando-a, fui logo perguntando como conseguia sustentar a lata sobre a cabeça sem ajuda das mãos.

Ela com a maior naturalidade colocou as mãos na cintura e mostrou-me como era ainda capaz de dar uns requebros de batuque. Rimo-nos ambas e combinámos que ela iria levar a lata de água a casa e só então estaria disponível para conversar comigo. Pouco depois, já livres da lata, sentámo-nos num banco de cimento e fiquei então sabendo que se chamava Hirondina (nome determinado pelo pai) mas todos a chamavam de Manuela (nome que a mãe sempre quis) e também era preferência dela. Mas que maravilhosa coincidência! – disse-lhe eu – também me chamo Hirondina (escolha da minha mãe) e sou conhecida por Fátima (opção minha). Ela então estalou na mais gostosa gargalhada que acabou com todas as minhas defesas, ficando ali rendida ao encanto daquela moça com idade quase para ser minha filha e cheia de um encanto natural, de bem

com a vida e com a lata de água que de tanto jogo de equilíbrio, acabara por lhe proporcionar uma postura de rainha e uma elegância de fazer inveja a qualquer top model. A água que transportava era para as casas da vizinhança que não tinham outra forma de abastecimento e para ela um modo de vida.

Entretanto lembrei-me que também precisava de um pescador para completar o meu trabalho e foi a Manuela que me apontou o Manuel, um pescador de olhar sonhador que mirava o horizonte e o mar lá longe como se somente ele fosse detentor dos segredos do oceano e não estaria disposto a partilhá-los com ninguém. O Manuel tinha uma fala pausada, com pequenos hiatos entre as palavras, como se meditasse no peso de cada uma. Contou-me então que nutria tão grande respeito pelo mar que até tinha medo de o ofender contando algo que devesse calar. Decididamente aquele pescador não tinha a mesma espontaneidade da Manuela, nem podia, pois muitas foram as vezes em que vira a morte bem de perto. Nunca se ria, mas no entanto admitia que não podia nem devia queixar-se, pois até então fora poupado a um destino mais cruel como vira acontecer a muitos companheiros que morreram ou desapareceram para nunca mais, o que era muito pior já que todos querem saber onde estão os seus mortos, privilégio negado aos que desaparecem no mar.

Terminei o meu trabalho fazendo algumas fotografias para ilustrar o texto, mas o riso da Manuela e o olhar profundo do Manuel, esses, eu guardo comigo para sempre.

O museu das águas

Gigio Ferreira⁹

Voltarão nas aves... protuberante aço moendo praias nas próprias areias molhadas que se abraçam. Primeiro é a língua, depois a autenticidade! Todo esse vegetal e todo esse diálogo já prosperaram sem a condição do Natal. Sozinho diante do mar sua hora havia chegado. Os solventes e o suor, o amigo das mágoas, à flor da pele nunca é tarde, apenas deságua!

O líquido que pinga do sal dissolvendo a viagem... fazendo inclusive dos lábios a cisterna das lágrimas. Os estados de consciência sendo alterados todas as vezes que um segredo abandonava algumas palavras cheias de si, talvez nem fosse a verdadeira intenção quando aproximava-se dos rochedos, a nau. Certa vez quando os raios de sol nadavam tranquilos, houve nos arredores o nascimento precário de uma ilha grave nas extremidades, que dia redondo para sentir saudades quando desembarcassem as mães e as árvores.

Mas quis o destino calado fosse... que olhasse para a desunião como quem olha para um sentimento morto de cansado. Havia ali um

⁹ Gigio Ferreira nasceu em 22.06.1967 em Belém do Pará. Escreve dramaturgia, contos, crônicas e poesia. É poeta performático, com participação em vários eventos culturais e Antologias em sua cidade; participou com seu poema “Claridade” em uma das faixas do CD *Moinhos do Tempo*, do cantor e compositor Sérgio Leite; possui nove livros publicados pela editora Giostri, São Paulo. No prelo, *Caravelas sensuais para depois do infinito*, poesia, também pela Giostri.

punhado de homens convictos e fracassados, estavam, diziam... a serviço de um rei corsário, conflitos que fizeram seu maior parentesco... a realidade!

A primeira carta exigiu das tintas algumas águas... logo em seguida muita saliva presente na angústia da fala, ninguém ali estava esperando uma visita, muito menos fardas acumuladas, tampouco que trouxessem nas bagagens a profissão como silogismo... as setas mais mesquinhas e baratas também estavam envenenadas, que fossem enganadoras quanto populares, isso alegrou o dia, todas as caveiras, os remorsos e os semblantes bateram asas com naturalidade. Quem duvidaria que o espanto pudesse envelhecer tão rápido?! No entanto as pedras abençoaram, dizendo coisas lindas e atormentadas. Ergueram o primeiro cárcere... a culpa fincada entre as traves.

A comprovação científica dizia que estavam rastreando oceanos, que nenhuma aventura trazia no bojo tantos bruxos como astrônomos, que eram pessoas exaustas, atrás das costas, montanhas, na frente dos olhos a boca estulta da pátria.

Restaram as chuvas embaixo da lua... cada bêbado marinheiro seria dono de um rio, um córrego doce como as uvas, cada tesouro uma forma de abrir estradas, cada fuga uma tumba construída na madrugada, em cada ventre um novo ser arrastado entre cordas e correntes, dentro das matas gritos de lagos puros e assobios misteriosos dos pássaros noturnos.

Enquanto demoliam as principais portas, outras pontes de pedra passaram a ter janelas sem nenhum orifício. A fertilidade nunca fez força, pessoalmente a terra até fosse algum remédio... mas durante todos esses

anos o espaço foi apunhalado devido ao infinito dos solos. O óbvio não deveria reivindicar bandeiras multicoloridas, não é da sua natureza política fazer dos trilhos... delírios! E muito menos olhar nos olhos as locomotivas fragmentadas. Inicialmente a lira põe a culpa no calor, na tristeza do seu habitat e na barbárie. O machado é pesado e objetivo, mais quebra que corta... Sua lâmina definitivamente não possui a vocação para ser emocionalmente afiada.

No museu do índio as telas expostas são quase todas vermelhas. Alguém atraído pelas mentiras da beleza deu fim hoje à própria vida, cortando os pulsos sobre o livro de visitas.

O jorro

Gigio Ferreira

Muito frequente diante de um livro exuberante me emocionar! Quando isso acontece eu coloco esse texto para que os passarinhos o bebam bem devagar!

Imaginem um insólito diálogo entre os órgãos do corpo humano. Cada um defendendo suas funções com argumentos infalíveis. Então diante de tanta lógica surge a primeira poesia, exatamente quando tudo conspirava para uma linear história de início, meio e fim!

Mas essa poesia nascida assim precisou de uma consciência em várias ramificações por conta das estações seduzidas, misturaram também o ar. E finalmente esse corpo conseguiu falar.

A cura não veio pelo sol, nem a emoção foi mínima, isso poderia ser a resposta do êxtase na beira de uma praia! Confusão interna também se faz necessária para que a boa poesia despenque de suas janelas, chave fininha em temperatura tão feminina, foi como avaliar a vontade sem a sua outra metade, que é a libido quando conhece a palavra coragem, numa nau que primeiro carrega os maravilhosos instrumentos do instinto. E a cada manifestação mais sensibilidade, tornando a cabeça um trapézio para os seus misteriosos fenômenos. A profundidade voa quando redonda, acredita-se que o texto falando sozinho produza músicas e por consequência contorne as testemunhas embaixo do lençol. Conversa e depois traduz, dá prazer quando está na condição de saliva.

Quem assistiu a linha reta morta como oferenda?! Síntese da cor e dos dentes distraídos em suas preliminares, voz grave que não abandonou o sexo da sua personagem, ao olhar para a ponta o absurdo não ficou assim tão impalpável, também pudera, os arrepios foram roubados à sorrelfa! Compare as montanhas e as nádegas, nenhuma anatomia consegue impedir as mais loucas revoadas/ o dorso nu/ os batimentos cardíacos assustados/ privilégio do destino ao alimentar seus pássaros/ músculos e acrobacias/ solidão e bom dia/ fartura lírica e farpas indignadas/ a fogueira pendurada... tudo isso pergunta/ quanto vale o luar de uma mente arredia? E quem é que brinca assim em noites estreladas?!

A mais bem sucedida miragem não vê com ironia o cio entre as árvores. A sombra uma vez esticada e a polpa toda devorada. Resta-nos a fuga pela saída e pela entrada, estímulos certos, sobre isso há uma teoria bem menina, um manuscrito sobre a realidade, uma dança, um cheiro, um acento nas palavras sussurradas. Seus livros são assim, não berram e muito menos fazem alarde, são deliciosamente murmurados como a água caindo da bica.

O que faz transcender aqui é esse suave ritmo... dedos que desenham, carícias com algumas tangentes e vertigens, águas molhando os cabelos, distúrbios neurovegetativos, lágrimas com sentidos invertidos, lábios entre os espaços comprimidos, peles tão vivas... e se tens um ao outro, é porque ao vivo é o teu corpo, na ponta da língua finalmente o jorro! Palavras jovens exigem imagens descontroladas, acredito que toda festa é uma seta, uma finalidade servindo de chuva e mensagem. Pois o amor afastado das fantasias torna-se banalidade.



Águas de Meribá

Iasmim Ferreira¹⁰

Conta um velho assentado à calçada uma estória lida num antigo livro. Segundo tal velho, houve um profeta hebreu por nome de Moisés que certa feita ouviu as grandes lamentações do povo em direção à terra prometida. Nas terras de Meribá, os rebeldes reclamavam da falta de comida e de água. Para resolver o confronto, Moisés invoca a Deus pedindo uma saída. Diz o velho que a voz ouviu ao profeta e mandou-lhe que falasse à rocha. No entanto, irado, o hebreu bate na rocha duas vezes, fazendo-a jorrar água.

Meribá é o lugar do ferimento da rocha, mas também do jorrar de águas. É ali onde o profeta descobre que não entrará na Terra Prometida, por causa da atitude tomada. Percebe o quanto é duro estar diante de Meribá? Como suas águas tornam-se amargas? Gostaria de refletir com você sobre os Meribás que trilhamos e sobre as rochas que precisamos fazer brotar água. Não é isto uma autoajuda, mas uma interleitura.

Amigo/a leitor/a, esse mito muito nos ensina. Ora estamos diante de uma multidão que nos pede algo dificultoso. Ora estamos com a solução para os conflitos, porém, somos ensurdecidos pelos rumores, e, a brabeza

¹⁰ Nordestina, leitora, sonhadora e mestranda em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

se apodera de nós e já não somos capazes de “falar à rocha”, mas de feri-la brutalmente.

Quantas vezes nos deparamos com situações conflituosas, nas quais fazer o que é evidentemente “correto” confronta com o que realmente gostaríamos de fazer. “Eterno antagonismo das relações humanas”. Pois bem, dia a dia nos encontramos sob as teias do antagonismo e deparamo-nos com uma série de rochas a serem perfuradas. Mas, o que é mesmo “correto”?

Não perderei tempo com os antagonismos dos “corretos sociais”, mas tomo a palavra e com ela devaneio.

O artífice das letras é um profeta, que legisla sobre o mundo. Maior profeta que Moisés. Perfura as palavras e delas faz jorrar água. Às vezes, provindas dos instantes conflituosos. Noutras, advêm da busca do silêncio para ouvir a si mesmo, e não mais a multidão. Há momentos em que a sua matéria-prima é rochosa e impenetrável dada a insuficiência de expressar-se na totalidade. Dizer é uma tentativa, o não-dito é uma angustiante realização. Meribá é o cotidiano. É a escola, a família, o trabalho, os relacionamentos... Meribá sou eu. Meribá é você. A rocha é a linguagem. As águas são a poesia em seu estado mais límpido e abrangente. Se não houvesse Meribá não haveria rocha, não haveria água, não haveria profeta, nem multidão.

O poeta é um transeunte dessosegado, um condutor implacável, que leva a multidão à desconformidade com a vida. Diferentemente do profeta, não legisla a palavra, mas sobre ela se assenta e é por ela legislado. Chamarei o poeta, então, de proefeta, já que vê com antecedência os

sonhos adormecidos da humanidade e lhes dá corpo pela palavra. Não soluciona conflitos, mas os conduz a crescente não-resolução das coisas e a viva inquietude. O proefeta manobra com peculiaridade as dores alheias, leva os espíritos aos pastos secos e às águas impetuosas. O proefeta não fala à rocha, nem a fere com um cajado, mas, duplamente fala, e, ao falar, a rocha o ouve e é por ele e pela palavra penetrada, esfacelada. As águas carregam o proefeta da quietude aos dessorsegados Meribás, pois sabem que ele vive das inquietudes e das rochas a serem perfuradas. O proefeta conclama a nós, seus transeuntes: Bebam todos das águas de Meribá!

Águas do seu corpo

Iasmim Ferreira

Entre o pôr do sol e as árvores, estávamos eu e ele. Entre profundas carícias, me afundava de amor. Entre beijos fundos, quentes e frios, nós nos amávamos sob a luz do Criador, e, a víamos se recompor. Nós ríamos e chorávamos. Num confluído de águas, vindas das bocas, sempre quentes; vindas dos olhos, sempre frias. Entre seus braços, me sentia num castelo forte, cercada por mil soldados audazes. Contudo, me sentia frágil, pois necessitava do jorrar de águas de nossos corpos.

Como dois amantes: o rio encontrava o mar... Numa correnteza sem fim, entre suspiros e fungados... Águas fluíam dos córregos.

É leitora, que é mesmo o amor, se não um jorrar de águas?

Recordo-me da tarde que passei nos braços do amado e reflito hoje sobre essa força propulsora que estraçalha qualquer sede.

Se ele me pudesse ouvir, diria que ele é a chuva e meu corpo é o pote.

“Dentro da água tem um espelho / Cheio d’água”, já dizia o poeta. Dentro da minha fonte tem um espelho que reluz e transborda d’água. Não a água de encher o pote, mas a de encher a casa.

Hoje sem você, meu amado, me aproprio das palavras do poeta, que com tamanha sede conclama: “Traga pra mim um pingo d’água / Água que mina um pingo d’água”.

Vem, minha mina, jorrar água, água viva! Jorra sobre mim água... sobre meu corpo... sobre minha boca! Dei-me de tua água! Como Rebeca a deu aos camelos do mensageiro e encontrou o seu amado. Recebeu o selo abençoador da água, que abriu os caminhos da hebreia e a levou ao pote. Volte a me dar de sua água e serei a mais feliz de todas as mulheres!

Encontro-me num cerco de águas, as de antes, vindas do seu corpo, enchiam a minha casa, as de hoje, brotam dos meus olhos e ressentem a saudade.



Brisas de sal

Ilane Ferreira Cavalcante¹¹

No leito azul de tua imensidade
(Auta de Souza, Ao mar)

Sal. Nascida de um corpo líquido e ao sol exposta até alçar a dureza da pedra. A cidade e eu. Corpos que guardam, em si, a possibilidade da água. Corpos que trazem o desejo secreto da eternidade. Corpos que, polidos pelo tempo, se recortam em veredas, arredondam as arestas, se desmancham em pequenas peças de memória que recortam a experiência.

A curvatura sinuosa das dunas se projeta sobre o manto verde das águas. Tua linha fina de areia esgarçando-se com o tempo. Cercando-se de asfalto, poluindo-se com a água suja emanada de casas, prédios, bares.

Tempo, tempo, tempo. Percorro, em memória, os becos, as ruas, as avenidas que constroem a cartografia física de tua, de nossa história. Memória de pedra. Os detalhes cristalinos, as feridas que sangram (ainda), os fragmentos de pó que se soltam nos caminhos. Lembranças. A silhueta da cidade aponta o céu dos edifícios. As pontes que cortam o verde azul das águas. A cidade que cresceu, onde envelheço.

¹¹ Professora, pesquisadora e escritora do Rio Grande do Norte. Tem experiência nas áreas de Letras e Educação, com ênfase em literatura e história da educação, atuando principalmente em temas como educação profissional, educação a distância, formação de professores, gênero e literatura. Publicou, entre outros, *O romance da Besta Fubana: festa, utopia e revolução no interior do Nordeste* (2008); *Mulheres e Letras* (2011) e *Vestígios* (2009), livro de poemas.

Na areia, as ondas me assaltam. Viajo. O mar sempre mãe, câmara clara, profunda e perene ao redor. Do mar, as primeiras lembranças: azul e ocre. Do berço azul, com figurinhas coloridas, o eterno azul. A praia onde eventualmente íamos, meu irmão e eu, pular as ondas. Praia do Meio, dos Artistas, Areia Preta. O velho relógio de sol amparando as horas livres.

Reis Magos. Coloridas festas na igreja. A quermesse de reis. Minha avó me puxava pela mão, guiando uma fé que cismava em escapar de mim em direção ao colorido das pessoas, aos grandes bonecos de reis que enfeitavam a igreja. As bonecas de papel foram sempre um grande encantamento, com suas saias recheadas de castanhas quentinhas, assadas.

O corpo da cidade cortado pelo verde da paisagem marítima sobre a Ladeira do Sol. Passeios juvenis. O corpo colado ao homem amado. Ponta do morcego, calçadão, velhos bares: Casa Velha, primeiros namoros Tiraguzzo, Qualquer Coisa. Será que me falha a memória? Passeios noturnos e o cheiro do mar, maresia. A mão dele e o sabor de sorvete de tapioca na velha Tropical, esquina com a ladeira e o mar.

A silhueta do Hotel dos Reis Magos dividia a noite, escondia a fila de prostitutas em suas ruas tardias, os carros parando na Royal Salute, a elite festeira da cidade espalhando seu luxo frente à favela. Por trás, a Rua do Motor se perdia na história e se escondia à sombra dos espigões que surgiam, cada vez mais altos, acima da ladeira. Eu descia, medrosa, em meu

caminho noturno do Atheneu à casinha pequena que mamãe alugara por um tempo naquela velha rua. Ladeira abaixo, eu escorregava pelos pedregulhos do caminho, hoje escadaria, que saía do Onofre Lopes em direção às ruas de baixo.

Os fogos estouravam, coloridos, nas noites de réveillon e o mar continuava lá, sempre o mesmo, nunca o mesmo. Festivais no Forte. Noturnos de estrelas em Ponta Negra. Djavan e o marulhar. Faltando um pedaço, meu bem querer. Eu seguia a calçada, sandálias na mão, o macio escuro das ondas quebrado apenas pelo reflexo do luar. Nada mais importava, éramos só nós, sal e lua.

Tempo de partidos, saíamos à noite, pelas sombras, a pintar nossas causas pelas paredes do Alecrim às Rocas. A liberdade se insinuava nas primeiras eleições em que eu nem poderia votar, tão menina ainda, mas que cultivava a sede da justiça e da igualdade. A política retomava sua presença nas ruas, nos bairros, em passeatas que seguiam ao som de lambadas e de gritos de Diretas Já.

Mais velha, já mãe, trabalhadora, corria para a praia ao menor sinal de angústia. Água do mar. Era sempre a quem recorria quando, confusa, triste, nervosa, parava o carro, água de coco na mão, sentava no calçadão em busca de paz. Deixava correr as lágrimas que se confundiam com os pingos da espuma na areia. Era assim antes das aulas de alemão em Ponta Negra, no intervalo dos turnos de aula, no trabalho. A paz, a energia e o alívio, sempre da água.

Em Ponta Negra a lua despontava, majestosa, sobre os pescadores que, lentamente, cediam espaço às mansões, aos hotéis, às novas casas

noturnas. Saraus no Babilônia, shows no Bar do Buraco. A vila perdia a inocência e se entregava, sem pejo, ao estrangeiro, corpo e alma. Poucos anos bastaram para que a praia quase deserta, pontuada de barcos de pesca, se tornasse o espaço luxuoso do turismo e, depois, se perdesse entre barracas, paralelepípedos e ratazanas trazidas pela urbanização predadora. A cidade envelhece.

A fuga se estendia, então, para outros mares, Cotovelo, Pirangi, Búzios, Tabatinga. De água e de sal, íamos sempre mais longe. Em Cotovelo, só uma barraca vendia caranguejos para nossa fome, tudo o mais era deserto. Em Pipa, passava-se o dia a mergulhar nas piscinas de pedra, nenhuma barraca, nenhum restaurante, nem mesmo estrada levava ao paraíso. Íamos descobrindo os caminhos hoje atravessados por estradas, afogado por lojas e por uma população que se espalha falésias adentro.

Em agosto o vento batia as partículas de areia, desmanchando as dunas em nossa pele. Os olhos, a língua, tudo se enchia da fina areia arremessada pelo vento. Voltávamos descabelados, a pele ardendo de sol e areia. As crianças dormentes, cansadas, felizes. Tudo tão simples, cada lugar era uma descoberta, Praia do Marco, Jacumã, Porto Mirim, São Miguel do Gostoso. Pé na areia, quase nenhuma estrutura, e o mar.

Com o tempo, a cidade se transforma, perdendo alguns tons de azul e de verde. Os olhos já não te contemplam, as ruas em tuas margens abandonam-se às ruínas e à marginalidade ou se entregam, decadentes, ao turismo predador. Em trechos de riqueza, espigões e grandes hotéis privatizam a beleza e escondem a miséria. Hematomas no corpo da cidade.

Meu corpo ainda se confunde com o teu, no entanto. De cima da ladeira ainda me debruço sobre o azul que acalma. Ainda fujo do trabalho para, em dias de tristeza, me deixar levar pelas ondas. Hoje, quase meio século depois, ainda me misturo ao corpo líquido para manter-me íntegra. Ontem, hoje, eternamente, tua língua salgada em meu corpo de pedra. Desmancho-me em espuma. Fim.

Ser(tão) de águas

Ilane Ferreira Cavalcante

*recém-nascidas chuvas pelos rios
que rebentavam adubando várzeas*
(Zila Mamede, Milharais)

Pela janela do ônibus a paisagem se sucede em pinceladas de cinzas, marrons leves e uma lembrança de verde. Sempre uma paisagem diversa, conforme a estação, inverno ou verão. Nas estradas que cortam o sertão, em pleno semiárido, minha memória viaja entre lembranças vividas, lidas ou imaginadas e pairam sobre as águas. Sim, sobre as águas. Em pleno sertão, no que parece ser o fim de uma seca de quase sete anos, meus pensamentos sobejam água. Não, não é pela sede, mas pela sua presença, implícita, em cada curva do caminho, em cada trecho da estrada.

Sim, foram sete anos de seca e algumas leves chuvas ao longo do mês de janeiro fizeram antever a previsão, alardeada pelos especialistas, de tempos chuvosos. Seca verde, é o fenômeno que sucede a esse leve período de chuvas, quando brotam os primeiros verdes na caatinga e as paisagens se colorem, perdendo, lentamente, os seus variados tons de caqui, marrom e cinza. Ainda não é inverno, estação das chuvas, e pode nem chegar a sê-lo, mas só quem vive ou percorre frequentemente essas paisagens sertanejas sabe o sabor de esperança que essas primeiras folhas despertam.

Pequenas poças, eventuais, se desdobram aqui e ali, nos baixios. E, em suas margens, pássaros, cabras e o gado, ainda magro, repousam, mastigando o que mal nasceu de sabores trazidos pela água. Mais à frente, um açude, em toda a sua grandeza, se abre. As pedras miram-se no espelho que ora se refaz, e o céu claro, límpido, cortante do sertão se projeta, sem nuvens sobre a água.

E há os rios, que, descendo, buscam caminhos de pedra, nunca leito de areia, pois, lembra João Cabral, as pedras protegem as águas, cerceiam suas margens, amparam seu fluxo, buscam o silêncio. Quem sabe! Não tem altura o silêncio das pedras, não é Manoel? O leito de areia, próprio do mar, *com suas bocas multiplicadas*, nada ampara, nada cerca, nada esconde, tudo deixa fugir e fluir. Esses rios, no sertão, se amparam em grandes rochedos, sinuosos, cortando serras, serrotes, outeiros, se escondem em grutas. Nelas, outrora, quilombos foram erguidos, cangaceiros se acoitaram, ciladas e emboscadas se realizaram. Antes, bem antes, numa história que se perde no tempo e além das águas, os lajedos guardam segredos dos povos antigos, ancestrais, rupestres: Ingá, Pai Mateus, Soledade.

As cidades brotam da água, no sertão. Próximo a lagoas, rios, córregos, riachos. As casas se aglomeram, as ruas se desenham ladeando as águas, os quintais se projetam sobre elas e as algarobas tecem sua sombra onde os animais, cansados de luz, se protegem em busca do sono leve da tarde. Ao longo da estrada, essa simbiose se estabelece, a cada pequena ponte, lembrando um rio que passa, ou passou; a cada lajedado, cortando em grutas os riachos, estão as vilas, as cidades, os territórios humanos. Às

margens da água, lavadeiras tecem seu ofício, ensaboam, torcem, enxáguam. Sertanejos velam pelos animais que pastam. Crianças pulam em festa, casais se enamoram e a noite, a noite plena, do sertão, se mira, coroada de estrelas.

As cidades também fazem a água, no sertão. É quando nascem os açudes. Açudes enormes, construídos por mãos desesperadas de fome, que recebiam migalhas dos governos para represar a água que alimentava o sertão de tempos em tempos, as águas que corriam subterrâneas e emergiam, aleatoriamente, em rios perenes ou passageiros. As frentes de trabalho foram a única saída, muitas vezes, para as mãos sertanejas, enquanto os governos se locupletavam com os recursos destinados ao combate da seca.

Hoje, as estradas são pintadas, também, do branco das cisternas que pontuam os pequenos sítios por onde quer que se adentre o sertão. Cisternas que represam a água das chuvas e plantam na terra as famílias quando vem a seca. As generosas cisternas que provam o quanto há água no sertão, quando se sabe guardá-la.

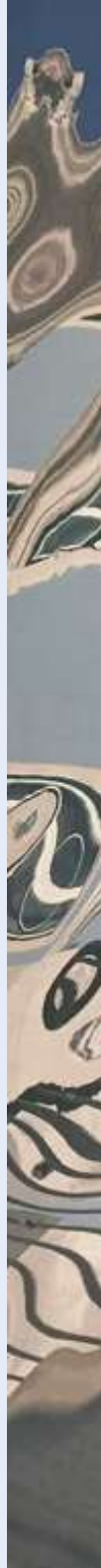
Sim, há a chuva, e ela cai em pingos grossos, arrebatando os telhados em goteiras, formando córregos cheios de lama em busca dos rios. Quando há chuva, a felicidade é plena. Sob as gotas grossas, algumas crianças pulam, outras se encolhem embaixo das bicas, em banhos demorados. Os adultos correm a encher potes e panelas, a garantir a limpeza das bicas que desembocam nos poços e cisternas. Os sapos e as rãs aparecem, do nada, pulando aos milhares, por todos os lados, se

escondendo atrás dos potes de água de beber, escondidos nas brechas húmidas das rochas. Diz-se que as rãs sabem a conversa das águas.

A chuva é pura luxúria no sertão. Nunca vem sozinha, está sempre cercada de raios, que anunciam sua tão desejada chegada. É um desfile triunfal de nuvens, pesadas, recheadas de chuva, o clarão do relâmpago abre o céu em rachaduras de luz que se projetam do chão ao teto, plúmbeo de promessas. Só depois as gotas caem, grossas, quase sólidas, formando imensas manchas húmidas na terra. E assim, a chuva se derrama e tudo canta. Muitas chuvas depois, os córregos perdem sua forma, se espalhando pelos vales, os rios vazam e invadem casas, rompem as pontes, se esparramam em todas as direções e os açudes sangram em cascatas. O sangrar do açude é mais que uma festa, é a certeza da permanência, é a garantia do trabalho, é a esperança da colheita.

A água é mito, no sertão, é folclore, é poesia, é prosa. É São Saruê encantada, é lama, lodo e ferrugem. É Una e Capiberibe. É o sinuoso velho Chico e suas carrancas. Nela mora a mãe das águas, nela tocam sinos e rangem carros de boi naufragados. Nas águas do sertão se perdem os filhos das mães solteiras, brincam os fogos-fátuos, assombrando os viajantes incautos.

Os tons de verde que surgem, nas primeiras chuvas, ou que pontuam a seca verde, estão prenhes de lembranças, grávidos de esperança e é essa esperança que alimenta minhas lembranças a cada trecho da paisagem. Pelo sertão, grávido de águas, minha paisagem interior se amplia e enriquece.



Tempo de água ou tem pó de água?

Ítalo de Melo Ramalho¹²

Tempo de água. Foi com o barulho fino da água que caía na rua do mangue que acordei. O destino daquela água não era outro senão o esgoto! A vala comum do tempo líquido nas cidades. Acreditei que ali estava a motivação para iniciar uma crônica. Espreguicei-me como um felino e num salto estava no computador. Coisa mágica de Deus! Mas antes, uma parada no filtro. Um copo com água transbordando de sede pedia que o bebesse. E eu o bebi. Agora de tanque cheio. Aventurei-me. Abri o word e digitei o título da crônica: *Tempo de água*. De pronto o editor sugeriu *tem pó de água*. Palmas para a inteligência artificial. Gostei da sugestão. Mas, quem mexe no tecido sou eu. Continuei a coser água e palavra.

Reza a lenda que depois do tempo do sono vem o tempo da existência. E para existir é preciso elixir. O ritual moderno de quem pretende escrever alguma coisa não é diferente do ritual de quem escreveu ou escreve no passado. O frio é o mesmo. A diferença talvez esteja no papel ou na tela. A celulose arrepia tudo! A frieza glacial da tela, também! Para mim que vivo papel e tela, a diferença está na borracha. Apagar é tirar o

¹² Paraibano, residente em Aracaju, Sergipe. É advogado e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe. Contribui com crônicas e poemas no Substantivo Plural (<http://substantivoplural.com.br/>). É coeditor da *Revista Barbante*. Autor, com Christina Ramalho, do folheto de cordel *O inusitado amor do Catingueira e da Brucha* (Natal: LucGraf, 2019).

tijolo assentado pensando em por outro melhor. Tanto num quanto n'outro a borracha é quem define a arquitetura.

Existe uma fala no quotidiano das pessoas que diz: “quando o passado não é bom que se passe uma borracha”. Assim, facilmente! Como se a memória raiz fosse feita de nutella. É tristemente engraçado ver como queremos a tudo resolver com uma borracha. Não serviu: borracha! As pessoas pensam que o que foi escrito pela história se escorre com facilidade. A memória não pertence apenas ao mundo particular, ela também é coletiva. E por isso, em alguns casos, é patrimônio da humanidade; em outros, da fofoca local. A memória não é um pano que basta ser lavado para que os ácaros desapareçam das tramas. A memória estar lá para ser vivida na trama. Mesmo que as lembranças não tragam secas vidas.

Como escrever também é reescrever o tempo inteiro. Fiquei pensando: será que aquela água que caiu e escorreu tinha tempo? Memória? Se sim, o que aquela água trazia de lembrança? Se não, seria apenas um mineral de silêncio pleno? Caramba! Num salto triplo memorialístico mais que mortal, lembrei que o meu professor dizia que o ser humano ao nascer é constituído de água em 90% do pó. Ou melhor: do corpo. Hoje, em uma rápida espiadela na internet, é fácil saber que um adulto tem 65% de água. Ou seja: fui rapidamente convencido de que a água tem memória! A satisfação não durou muito e a decepção bateu à porta via moral. Se antes éramos pó da origem à desintegração, como tudo mudou repentinamente? Pó ou água? Conflito! Na lógica líquida que acabara de se desenhar todos nós vamos para o esgoto e não para o pó.

Essa formulação filosófica de 5ª categoria me agoniou o dia inteiro. Agoniou porque não agonia mais. Graças a uma menina que estava na fila do pão logo a minha frente. Que em uma libertária curiosidade retirou da gôndola um produto, leu o rótulo e assustada perguntou: “Papai existe fumaça líquida?” O pai respondeu: “Claro que não filha. Isso aí é conversa pra boi dormir. O máximo que se conseguiu foi transformar líquido em pó. Fumaça em líquido não dá, né!”.

Naquele momento minha alma surtou. E numa rara lucidez intuí a resolução do meu problema: assim como existe leite em pó, certamente algum dia existirá água em pó. Fumaça em pó. Vida em pó. Tudo virará pó! Certamente não estarei por aqui. Mas enquanto as artificialidades não dão as caras, seguirei molhando o prato do mundo para quando o pó chegar, se acomodar no lombo úmido do asfalto formando um sólido pirão de secos e molhados.

O olho d'água, a fonte do desejo e o mar

Ítalo de Melo Ramalho

Quando eu era menino as pessoas diziam: vamos tomar banho no olheiro! Mas também era muito comum dizerem: vamos tomar banho na fonte! Olheiro e fonte naquela cidade eram sinônimos literais do mesmo fenômeno. Particularmente eu sempre gostei mais de fonte. Digo da palavra fonte. Talvez porque eu guarde no íntimo uma ligação amorosa entre o substantivo feminino fonte e o verbo jorrar: a fonte jorrou vida a noite toda! Que beleza de frase, né? Melhor do que: o olho jorrou vida a noite toda. Deixemos o olho e voltemos à fonte.

No caso acima a fonte significa o princípio e a causa de tudo por ser nascente e metaforicamente por ser mulher. Por curiosidade há pouco tempo um padre declarou que esteve com Deus antes do óbito e que ele era ela. Um funcionário do vaticano afirmou que Deus é uma fêmea! Como todo milagre dura pouco, a história foi inventada por *sites* de notícias falsas nos Estados Unidos. Mas bem que essa mentira poderia ser incorporada ao imaginário popular pelo seu valor estético.

Ainda mais pirralho escutei na feira de Guarabira o ditado: *água mole em pedra dura tanto bate até que fura*. O feirante utilizava-o para fechar o negócio, convencendo os clientes mais avarentos a comprarem o produto. Depois de uma curta batalha, a astúcia do vendedor vencia a

sovinice do comprador! Da Guia, que vendia parte significativa das frutas que minha mãe comprava na feira, sempre recorria a essas espertezas. E sempre ganhava. Eu adorava! Como agrado, ela descascava uma laranja baía e me dava. Doce que só. Mel de abelha perdia feio. Minha mãe nunca foi pão-dura. Penso que ela gostava era do barulho. Gargalhava, pagava, agradecia o mimo e dizia: “essa danada me ludibria de todo jeito”. Da Guia e Benedito foram heranças de painho. Enquanto estivemos em Guarabira a ida à banca desses dois era um ritual mais que certo.

Depois de passear por toda a feira, minha mãe me levava para tomar caldo-de-cana. Ela pedia dois caldos do grande, dois pães doce e uma bandinha de limão a seu Felipe. Ela gosta de tomar caldo-de-cana com umas gotinhas de suco de limão. É muita marmoteira. Ali estava a certeza de que a feira tinha acabado para nós. Seu Felipe, que também era amigo do meu pai, sempre recordava do gordo: “Terezinha que falta ele faz, né?” Ela dizia: “Faz sim, seu Felipe. Aquele camarada era uma fonte de sabedoria”. Aquele diálogo me tocava profundamente. Ao ponto de umedecer mansamente os meus olhos d’água. E minha mãe percebendo me puxava para ela como o mar puxa o rio. Tão serenamente que ninguém desconfiava dos rios que corriam desordenados de saudade.

Passado alguns anos fica evidente que cada rio tem o mar que merece. O meu mar é a fonte de Picuí!



Vida e morte no velho Chico

Jonaza Glória dos Santos¹³

Minha primeira vida foi regida pelo acompanhamento da enchente e da secante do rio Amazonas. Na época do outono-inverno nordestino – pra nós do norte é o período de cheia, assim, primavera e verão serão secantes. Em ambos os casos dispúnhamos da varanda florida da minha tia Zimar. Ora como rampa de mergulho, ora como início da ladeira de onde rolávamos para espocarmos em alegria no braço do rio Amazonas que alimenta o Paraná do Limão, morada dos meus avós e tios mais chegados e de onde tenho as melhores lembranças da minha infância.

Na minha segunda vida – assim definida pela mudança definitiva de região de moradia e em distância abissal dessa aproximação com as águas, acompanhei não de perto as movimentações e alterações do São Francisco e o buscávamos sempre que batia a saudade do contato do corpo com a água doce. Interação que no norte é simbiótica entre o caboclo, a floresta e os rios. E essa busca era frequente pela falta que sentíamos da água a nos renovar...sempre.

Até aquele dia...

Era um belo dia de sol de férias [sim, porque sol de férias é um sol feliz] e estávamos em Bom Jardim – um povoado do município de Alagoas, as margens do São Francisco. Era um lugar especialmente bom para levar

¹³ Mãe de Suanam, avó de Alexia, mestra em educação pela UFBA e professora da Educação Básica em Sergipe. Uma pessoa feliz. Participou do livro de crônicas *Gente* (Rio de Janeiro: Oficina Editora, 2015).

criança, pelas croas¹⁴ que possibilitavam muita brincadeira e até então eram desconhecidas pra mim. Visitávamos uma amiga que tinha muitas crianças e junto com as nossas formavam um belo time de barulho.

Nessa época, minha filha contava cinco anos. Foi numa croa do velho Chico que minha relação com as águas mudou...

Eu e minha amiga caminhávamos com os pés imersos na água transparente que cobria a croa, numa conversa leve e prazerosa. Eram 6 ou 7 crianças de 4 a 9 anos correndo na nossa frente, aos gritos, pulos e brigas. Havíamos chegado à croa de canoa porque ao redor do pedaço de areia, o São Francisco se apresentava em toda a sua extensão de belezas e riscos. A dimensão da croa era pouco mais de 50 metros de diâmetro. A brancura da areia com pouca água como cobertura contrastava com o verde intenso da profundidade do rio...as croas do Velho Chico são como gotas de pérola em um rio de esmeralda.

As crianças estavam a uma distância de quase 25 metros...conversávamos e olhávamos...e elas pulavam, gritavam, corriam e brincavam... felizes na inocência infantil.

E assim continuaríamos se em determinado momento Linair, ao apurar os olhos na direção das crianças, não chamasse minha atenção falando pausadamente e com um cuidado grave.

— Mulher...tem uma criança que está fora da croa...

¹⁴ Crosta de terreno que não foi remexida por instrumento agrícola. "**croa**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/croa> [consultado em 04-08-2018].

Ela era moradora do local e a afirmação foi feita ao observar que a criança estava fora da faixa branca de areia. A essa fala foi acrescentada a observação:

— E não é uma das minhas.

Tal observação foi feita por as crianças dela serem todas loirinhas e a cabecinha que estava fora da água era cacheada de cabelos pretos.

Foi nesse momento que conheci o poder paralisante do medo.

Estaquei de pronto...

Linair gritou:

— É Suanam! Corre!

Todos os meus sentidos ficaram momentaneamente desligados... a perna não obedecia ao comando longínquo do cérebro que sussurrava pra correr...os olhos não viam a frente, os braços não se mexiam...um zumbido no ouvido impedia a clareza dos sons...o pé estava inerte e o corpo não se conseguia movê-lo...

Foi um tempo impreciso...vagamente pressenti Linair sair correndo em direção às crianças...mas, era como se eu não estivesse ali...também não sei dizer onde estava. Hoje ao lembrar penso que fui remetida para um lugar entre a vida e a morte.

Depois de um tempo que pareceu uma eternidade ouvi muito longe um apelo:

— Socorro...me ajuda!

Era o grito da Linair que já havia pulado no São Francisco para socorrer minha filha que havia saído da croa e estava à mercê da correnteza.

Saí do transe em desespero... corri o mais que pude e pulei no rio atrás de Linair, que tentava desesperadamente empurrar Suanam para a croa e não conseguia pela força da correnteza. Eu empurrava Linair com a mão e ela empurrava Suanam numa tentativa de fazê-la alcançar a areia com o pé, e a correnteza a empurrava contrariamente. Foram minutos de um desespero jamais conhecido...e uma luta como não enfrentei outra igual até hoje...

Após o que pareceu uma eternidade e nós já totalmente esgotadas de lutar contra a correnteza, saímos da água exaustas...em estado catatônico. Pairou sobre todos um silêncio sepulcral... as crianças calaram, Linair não pronunciava nada... eu, muda, ainda abalada sem saber se maldizia ou agradecia a Deus.

A única certeza era ter acertado quando coloquei Suanam pra fazer natação aos 3 anos, o que com certeza lhe garantiu que ao sair da croa não se desesperasse e ficasse boiando, nos dando tempo de agir. Quando ela voltou a falar foi um misto de constatação e resignação infantil:

— Mamãe eu ia morrer, não é?

— Ia sim, filha.

Desde então, a inata relação construída entre mim e as águas mudou... o que antes me completava e renovava, agora é receosa e muito bem medida e analisada. Foi a última vez que visitei Linair... o medo do Velho Chico se instalou em mim e não consegui superá-lo. Há pouco tempo com a morte de um ator global, também no Velho Chico, as lembranças voltaram e novamente visitei aquele terrível lugar do medo. E de tal forma os relatos de sua luta inglória com as águas do São Francisco foram

tocantes, que percebi ou conclui, que todos temos um encontro marcado com a morte...a hora exata é que não nos foi informada... Graças a Deus!

Ela e o boto

Jonaza Glória dos Santos

Religião e fé cada ser tem os seus! E o encanto que provém das águas e envolve a cabocla amazonense é a prova disso...

Ela tinha 10 anos e morava com sua família em um lugar de terra firme banhado pelo rio Solimões. Eram dias longos e isolados. E chegou ali após a separação dos seus pais e um quase “sequestro” de sua mãe. O lugar era tão distante que suas aulas eram dadas em casa por sua mãe. O vizinho da direita mais próximo ficava a uns bons 300 metros e o da esquerda na mesma distância. Apesar do isolamento sempre havia o que fazer...a plantação de cacau proporcionava que comesse cacau fresquinho tirado do pé, e ali ela aprendeu que os caroços após tirada a polpa da fruta eram postos pra secar, quando então eram torrados e transformados em pão de cacau para a venda nos barcos que semanalmente paravam para recolher castanha do Pará.

O castanhal floresta adentro também proporcionava uma infinidade de experiências novas, diferentes de todas já vividas...foi ali que ela viu o carregador de castanha abrir um ouriço e de dentro pular um escorpião grande. O homem pegou um chumaço de algodão e fez um círculo. Umedeceu o círculo com querosene, colocou o escorpião dentro e tacou fogo...foi com fascínio que a garota viu o escorpião procurar saída e ao não encontrar, enfiar o esporão na cabeça e matar-se. Décadas mais

tarde essa experiência iria ajudá-la a entender a “fábula do sapo e do escorpião”.

E havia o rio, que ao contrário da sua infância, que em épocas de cheia era acessado da varanda florida de sua tia; ali, ele estava sempre num lugar seguro por ser terra firme e não alagar. Que maravilha, ele só se aproximava ou se distanciava...mas estava sempre ali.

E foi nele que ela viveu sua experiência mais intrigante...

Era um dia meio nublado e sua mãe havia pedido que ela descesse até o rio para enxaguar alguns panos já previamente lavados e desencardidos. O meio dia se aproximava e a garota atendeu ao mandado da mãe...desceu ao rio e se sentou no tronco de madeira que servia de atracadouro e “beira” como era chamado por estar na beira do rio. De um a um foi passando os panos na água e espremendo-os...

É preciso ter em mente que esses troncos ficavam presos a beira do rio por correntes ou cordas grossas para que os troncos não fugissem nos banzeiros dos grandes barcos; logo, eles ficavam a uma distância aproximadamente de 2 a 3 metros da terra, o que possibilitava a passagem de um lado a outro por baixo d’água.

Nesse dia, a garota estava sentada e embalava as pernas jogando água para cima com os pés enquanto lavava os panos. O silêncio permitiu que a menina escutasse claramente um tchibum e esguichar de água por trás dela...que a fez voltar-se rapidamente. Não avistou nada nem ninguém.

— O que é isso? Que barulho estranho...pensou ela e sentiu medo.

E cuidou de terminar seu serviço agora mais rapidamente; apesar de o sol não estar muito quente, o céu e a falta de crianças na água indicavam o meio dia.

Estava no último pano quando percebeu o marulhar das águas a seu redor...e a água em torno do tronco se revolveu toda e o boto pulou fazendo uma circunferência completa em torno dela. Seu coração disparou do peito e ela começou a gritar alucinada. Sua mãe ouvindo os gritos correu porta a fora e ainda avistou o grande boto afastando-se...esguichando água e arrulhos.

E a menina aos gritos, encantada...

A mãe correu a socorrê-la. Segurou a filha nos braços e esta não conseguia parar de gritar. A mãe lembrou-se então que a mulher do velho Bacaba era uma curandeira muito boa e correu pra casa dela carregando a filha.

Lá chegando a benzedeira perguntou o que havia acontecido e a mãe relatou que a filha havia ido enxaguar uns panos de menstruação no rio e o boto havia tentado encantá-la. A benzedeira rezou-lhe na cabeça e fez cruzeiros de carvão na palma dos pés e das mãos. Deu para tomar uma bebida que espantasse o encanto e a menina caiu em sono profundo...

Dessa vez o boto não levou a moça... mas, até hoje ela está encantada. Religião e fé cada ser tem os seus!

O perigo do Belo

José Pedro Filho¹⁵

Era incrível! Sentíamos o cheiro dela. O barro molhado acordava-nos com um bom dia esplendoroso! Era um sinal que, por mais vir, mudaria todo aquele cenário de rosto velho e roça vermelha. Eu, pequeno menino ainda, ouvia as crianças mais velhas planejando visitar o velho Chico que estaria cheio após o quarto dia... Quem dera, eu com 5 anos apenas, não poderia segui-los, mainha não deixava.

Quando criança sempre fui de adoecer por qualquer coisa e ela dizia que eu não sabia nadar, mesmo que incessantemente eu falava que tinha aprendido nos filmes, por isso só podia ficar na calçada em tempos bons como esses “por enquanto”... Sempre nos dias de chuva faltava a luz elétrica, o candeeiro que todos os dias era esquecido, tornava-se a principal atração. Em volta dele, enquanto os milhares de pingos faziam música no telhado esburacado, dançávamos e passávamos o dedo no meio da chama – eu era o rei do fogo.

Mas o melhor era quando a doce menina dava um pequeno intervalo e permitia que nós saíssemos da casinha. Entre as negras nuvens dava para avistar todos os pontos branquinhos que a escuridão

¹⁵ Pedro Filho, 20 anos, ex estudante do Centro de Excelência 28 de Janeiro, ingressa no Projeto A Poesia Indo à Escola no ano de 2017. Desde então se mantém ativo no mundo da leitura e escrita participando também de outros projetos como A Plêiade Cavalo-do-Cão e De Mãos Dadas com a Poesia.

proporcionava a nós – só não poderia contá-los – pois criaria caroços no corpo.

Durante o dia, logo após o jardim de infância, as ruas não asfaltadas, davam espaço para nossas guerras de lama. Comicamente, sempre fui o café com leite de todas as partidas e sempre saía com o cabelo embaraçado de terra, mãe brigava, mas valia a pena o esforço que ela fazia para limpar-me (acho que foi por isso que ela começou a raspar meu cabelo).

Assim foram nossos dias durante quase toda semana, não sentimos falta do que antes se fazia presente, aqueles momentos só aconteciam pouquíssimas vezes ao ano... Eu, com minha vontade de ir um pouco mais além, acabei cometendo um pequeno errinho. Mas a semana estava acabando e talvez não tivesse outra oportunidade tão certa.

Os meninos se reuniram para ir ao velho Chico do nosso quintal. Aquele tanque, que hoje nem existe, mais parecia o mundo de tão grande, e eu sabia como enganar minha mãe para por minhas aulas em prática. Enquanto ela fazia os afazeres de casa, aproveitei para pegar a chave silenciosamente. Nunca achei que poderia andar nas pontas dos pés, mas consegui! Corri mais rápido que a chuva que caía no meu rosto. A cada passo que eu dava, mais tudo aquilo crescia. Não esperei, logo mergulhei com os meninos... Ali vi a Anna, Zé da Manga e outros. Chamaram-me para ir um pouco mais fundo. Aliás, por que não? Só não imaginava que a mais bela imagem ficasse turva a cada passo que dava em direção ao coração daquele imenso tanque. Continuei enquanto podia, mas os outros podiam mais, então quis ser como eles...

Cada vez, mais e mais. Era só segurar a respiração e voltar, mas me dei conta que não tinha tido um bom professor. Quando me deparei, já não conseguia por minhas pontas dos pés no chão, assim como há 10 ou 15 minutos tinha feito para enganar minha mãe... Daí ouvi um silencioso grito e logo após um puxão no meu braço. Parece que eu não a enganei como tinha achado... Que bom! Nos seus braços, a vi chorar, dizia ela berrando que seu irmão mais novo tinha morrido nas mesmas águas e que não podia perder-me também, logo naquele mesmo lugar que não pôde salvá-lo como me salvou.

Durante o caminho para casa, me falava que o inverno e tudo aquilo era belo. Porém, a mesma que vinha como esperança poderia cegar-nos, como tinha feito comigo, e me proibiu de ir novamente para aquele lugar, enquanto pegava um cipó fino – em casa conversamos melhor!

Até hoje não deixei de gostar da água, da chuva e de tudo que me faz lembrar dessa época, mas agora sei que até o mais belo pode ser perigoso.



O poder das águas

Laurence Bittencourt Leite¹⁶

O tsunami que ocorreu no oceano Índico em 2004, mais precisamente em 26 de dezembro de 2004, na costa oeste de Sumatra, na Indonésia matando mais de 230 mil pessoas, mostrou, na nossa contemporaneidade, a força e o poder das águas. Alguns diriam a força ou a fúria das águas.

No entanto, essas mesmas águas protegem, salvam e dão vida a milhões e milhões de pessoas nos cinco continentes: América, Ásia, África, Europa e Oceania. O que mostra, no seu inverso, também o poder e a força das águas. O mesmo objeto com poder de vida e de morte sobre nós humanos. Uma força da natureza.

Como sobreviver sem água? Desde os primórdios do que chamamos de civilização ou cultura, a sobrevivência humana, só foi possível pela força e pelo poder das águas. Civilizações foram possíveis e construídas em torno da água, de rios: o Rio Nilo, por exemplo, no antigo Egito. O mesmo Rio em

¹⁶ Laurence Bittencourt Leite é graduado em Jornalismo pela UFRN e Psicologia pela UNP, com Mestrado em Letras pela UFRN. Tem um livro (coletânea de artigos) lançado e esgotado em 2011, com o título *Por que não o que é nosso?*. Hoje é professor universitário e psicanalista.

que Moisés desafiou o poder do Faraó, portanto, o poder dominante, iniciando a libertação do povo Judeu.

Temos no nosso planeta, águas profundas e águas rasas. Em que vidas brotam e se alimentam, tornando possível a vida de humanos e de animais terrestres e aquáticos. O mergulho nas águas profundas dos oceanos constata a riqueza de vida e de “habitantes” os mais variados, os mais belos, os mais estranhos. Uma variedade incontável.

A presença ou ausência das águas sempre foi motivo de júbilo e alegria, ou de dor e sofrimento. A mesma água que apascenta, limpa, batiza e alimenta, é a mesma que provoca com sua ausência, inundações ou secas destruindo e causando tragédias.

Sob qualquer aspecto que olhemos, as águas mostram o seu poder de vida e de morte sobre nós humanos e sobre o globo terrestre.

As águas pedem socorro

Laurence Bittencourt Leite

A limpeza das águas em si, nos rios e mares, contrapõe-se à sujeira que nós humanos infligimos às mesmas.

Se elas, as águas, nos limpam nos nossos banhos diários, nós as sujamos diária e cotidianamente através dos lixos que produzimos com o nosso “progresso”.

Hoje, as estatísticas mostram que até 2050, 90% das populações marinhas, terão sido contaminadas por ingestão de artefatos lançados ao mar pelos humanos, ou, de alguma forma estarão presos a resíduos plásticos, pedaços de redes, dificultando suas vidas ou mesmo aniquilando-as.

As águas pedem socorro! Elas e todos os habitantes da terra que vivem e sobrevivem das mesmas. Amar as águas é também amar a terra. Cuidar das águas é cuidar da vida, da vida de todos nós.

Se vida é amor, então, não se pode pensar em cuidar da vida, sem cuidar e amar as águas.

A lenda ou mitologia grega nos ensina que Narciso sucumbiu ao olhar o próprio “espelho” se vendo nas águas de um rio, o que aponta que não podemos viver em nós mesmo fechados ao outro; temos que amar para não sermos tragados pelo nosso narcisismo.

Amar os outros é amar as águas. Em última instância como nos ensinou Freud, nos curamos quando amamos e adoecemos quando paramos de amar. Podemos ampliar esse dístico freudiano dizendo que nos curamos quando amamos as águas.

Se as águas estão pedindo socorro, e isso já há muito tempo, que a salvemos.

Aridez vencida

Marcos Firmino de Queiroz¹⁷

Numa manhã qualquer de julho, eis que me vejo incluído num grupo do *messenger*, no qual meu primo-irmão Ítalo e sua querida esposa Chris me pedem pra escrever duas crônicas para este auspicioso projeto literário, fundado no tema das águas.

Um tanto perplexo, me senti lisonjeado e ao mesmo tempo incomodado: Sem pensar muito, disse sim... pra depois me amofinar por completo.

Por que cargas d'água não me deixam quieto? Só mesmo Ítalo pra me importunar aqui no meu ostracismo literário. O próprio Marllamé não teve seu recesso? E tantos e tantos outros viveram seu taciturno exílio criativo? Imagine eu, cuja letra é menor e desmerecida.

Mas, pensei: "não posso desapontar meu querido primo. Se ele acha que posso ter algum valor, mesmo sabendo que está enganado, vou ver se consigo agradá-lo, de alguma forma, retribuindo o carinho de sua lembrança".

¹⁷ Marcos Firmino é advogado formado pela UFRJ. Em 1996, lançou a *Brochura Poética Poente*, contendo treze poemas e um conto. É compositor, com músicas disponibilizadas em diversas plataformas digitais.

De fato, há quase quinze anos sem publicar uma vírgula sequer em um livro, estava eu muito bem instalado neste porão literário, aposento sombrio de descanso da criatividade. Como sair disso? Aí veio a água. De várias formas. Claro que primeiro engarrafada, gelada, amarga, ardente. Junto a isso, coloquei o intuito de escrever algo lá dentro do id, sub ou inconsciente, enfim, dentro dessas coisas psicodélicas, imaterialmente talhadas no Amor, talvez no desejo de que o trabalho imperceptível desse universo mental fizesse sua (ou minha) parte: e fui às águas. O tempo passou. Uma, duas, três semanas, um mês e nada. Aridez completa de ideias.

E a mente fraqueja. Dane-se! Não vou fazer. Desculpo-me com Ítalo e Chris e fico aqui no meu recôndito. Com minha infertilidade, sequidão, incerteza. Nem mesmo alguns poucos dias de férias venceriam a letargia criativa. Ócio criativo? Que nada! Tudo branco, só, árido.

E tome mais água, vez por outra intercaladas por ideias difusas, amorfas, sozinhas. No meio de tudo isso, um acontecimento: minha filha mais velha recebe o sacramento do Crisma, confirma seu batismo, confirma o seu caminho, confirma-se no Amor, que também se reflete na água, essa nascente de nossos dias espirituais, plasmados na face de Cristo. O valor intrínseco da Água no seu mais pleno significado: a purificação, o ardor do Amor, a Fé!

Lembrei de minha própria Crisma, em 1999, eu refeito, reconstituído, recriado, restaurado por Aquele que tudo renova, numa inundação inimaginável de Amor e comoção. Um dilúvio de Misericórdia novamente revisitado. Eis o que há pra se dizer: Amar a Ti e ser amado, em

todos, em tudo, a todo instante e também nessa incomparável criatura: A
Água, fonte de vida e fé.

E a crônica se fez.

Campina Grande, 24 de agosto de 2018.

Águas rejeitadas

Marcos Firmino de Queiroz

"Ai que dô, Ai que dô, Ai que dor" (Milton Nascimento, em "E Agora, Rapaz?"). O carioca mais mineiro de todos não esperava por essa. Muito embora o poeta itabirense já tivesse anunciado, não poderia esperar que as águas pudessem ser rejeitadas, ou melhor, serem cheias de rejeitos pérfidos, mortais, insanos.

Naquele dia, Rosinha não queria saber de outra coisa: iria pegar a estrada com seus pais, saindo de Minas até as terras capixabas de Guarapari. O final de semana mais esperado dos últimos meses. Teria medo do mar? Ainda não sabia, mas queria ir.

Mas Rosinha, "ai que dor", não chegou ao mar. Um mar selvagem lhe encontrou antes, interrompendo planos, férias, mar, família e outros amores.

Interrompendo tudo.

Rosinha não saiu.

Brumadinho, "ai que dor", lhe interrompeu.

Tomara que agora experimente outros mares, infinitos e cálidos, onde o conforto da alma não tem fim, e a dor seja algo tão insólito, que sequer vira canção.

A segunda chuva

Marcos Roberto¹⁸

No fim de uma segunda estressante, me pego no sofá pensando sobre como hoje foi uma segunda estranha, fato que ocasiono à chuva, que caiu desde cedo e intermitente até o fim da tarde.

Não houve tanto cansaço, nem ranço do domingo já terminado, conseguíamos fazer piadas sem a malícia de rebaixar o outro, as poucas vozes eram amenas e ternas, como se aquela chuva, depois de meses de mormaço, nos tornasse irmãos com o seu barulho no telhado o dia todo.

Estranhei muito como a hora do almoço correu devagar parecendo estar ligada com o fim da tarde, como se fosse um dia de folga, porém na empresa e com os colegas de trabalho ao lado, conversava-se menos do que antes, pareciam que pensavam mais e enleavam-se em conversas agradáveis pelo celular com as pessoas que gostavam e ao som daquela chuva de março.

Quando batemos o ponto no fim do expediente e nos despedimos sonolentos, apesar do ritmo constante de uma segunda normal, nem a chuva que ainda caía causou algum tipo de aversão, se desviava das poças e adentravam-se nos veículos. Pelas ruas a mesma calma, como se o dia acabasse se espreguiçando, mendigos agasalhados e bêbados quietos com

¹⁸ Graduando do Curso de Licenciatura em Letras no campus Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe.

sopas e risadas altas, trabalhadores com o ar realizado e soturno de quem espera se esquentar mais ao dispensar o guarda-chuva e o casaco em qualquer canto da casa.

É como se quiséssemos ficar em paz só por essa chuva.

O guarda-chuva

Marcos Roberto

Sentado no sofá após o almoço, observo o guarda-chuva no canto, em repouso, como se pensasse no porquê a água não desejar seu encontro, não aparecer naqueles céus tão conhecidos de ambos. Estava meio frouxo e já apresentava teias de aranha e alguns ferruges se olhado mais de perto. A tv falava sobre a mais alta de temperatura dessa tarde desde 1950.

Nunca estive tão quente como em 50 anos. Nunca a água sumiu por tanto tempo de nossas ruas, bonés, bolsas e plantações. Milhões de camponeses de jeito ressabiado, com pouco trabalho, hortas fracassadas, pessoas estressadas nas filas da Lotérica com crianças cismadas no colo, pessoas afobadas para chegar em casa e se libertarem com o banho da água presa no seu reservatório.

Vendedores de picolé e água sorriem, vendedores de óculos escuros estressados, sorriem. Todo mundo tem pouco tempo, todo mundo quer tudo logo, adiante, adiante. Quanta demora. Puxa o assunto com o desconhecido sobre o calor e há quanto tempo não chove. Por isso que o tomate tá mais caro. O jeito é esperar.

Não se escolhe muito, frutas poucas na feira, ventos quentes e lonas secas, preços caros que daqui a pouco, estressarão ainda mais aquela mulher na fila da lotérica. Protetor solar, pressa, bufa a criança, bufa a idosa. É tudo no tempo de Deus. Milhares de guarda-chuvas sem trabalhar. Sinto sede e vou beber água, hoje realmente é um dia quente.



Da água que habita em mim

Najó Glória dos Santos¹⁹

Escrever uma crônica requer que você sinta a urgência de expressar um determinado sentimento que não cabe em si, portanto, dividir é imperativo. Como disse Ferreira Gullar, a escrita é uma necessidade. Escrever, é a condição para sentir em toda a plenitude, para realizar-se no fato.

Na minha existência as águas têm um lugar singular, desde que me “lembro”, parece que no ventre de minha mãe, uma pessoa seca, tipo “papo reto”, as águas já se configuravam condição de sobrevivência para o que viria após meu nascimento ou debutar nesse mundo.

A água é tão presente que de tanto ser, e tanto vinculada à nossa existência já nem a percebemos como elemento que nos pode faltar. Dessa forma a consideramos enquanto prosa ou poesia e a rebuscamos em nossa vida sem nos darmos conta de que ela é a própria vida. Sempre a vinculamos a lugares e espaços determinados como se não fosse a nossa existência, condicionada à sua.

¹⁹ Dentre todos os títulos o que mais me orgulha é ser mãe. Sou também aluna do doutorado e mestre em Ciências Ambientais; Pesquiso formação, método biográfico e políticas públicas. Sou secretária de pós-graduação na Universidade Federal de Sergipe – UFS. Levanto bandeira por causas populares, inclusivas e democráticas. Participou do livro de crônicas *Gente* (Rio de Janeiro: Oficina Editora, 2015).

Consigo pensar em água de forma sincronizada e cronológica à minha própria vivência, após o ventre de minha mãe, meu próximo contato, nem tão voluntário assim, foi com a pia batismal, e lá estava ela a dizer se eu seria merecedora ou não de um lugar no paraíso. Confesso que não tenho memória desse evento, “mas sei que foi assim”.

Porém, bem me lembro de um episódio, que não deveria ter acontecido, segundo recomendações maternas. Uma partida de queimado, lá no Amazonas a mesma contenda chama “cemitério” e não sem razão. Uma bolada na cara e o fluido vital (sangue) rojou pelo nariz, e eis que ela, a água, tornou menos perceptíveis as marcas de minha desobediência.

Assim também aconteceu quando me percebi menstruada pela primeira vez. Na época, o tabu hipócrita sobre o banal e a ausência de recursos materiais – tão comuns como absorventes hoje – me fez recorrer à ela, a água, para esconder o que na época, era vergonha social.

Fui crescendo, pelo menos em idade e tamanho (horizontal ainda que me esforce para reduzi-lo), e não sem vezes, hoje percebo que é nela, a água que procuro refúgio e energia para sempre recomeçar. Meus maiores dilemas e angústias sempre foram aliviados sob o chuveiro, assim como, minhas expectativas e ansiedades sempre tiveram ali, embaixo d’água, a preparação para o primeiro baile, o primeiro beijo, a primeira transa. Sempre me preparei sob a água e aceitei minhas desconstruções quando ela por mim passava e levava consigo o que já me sobrava, não mais cabia, era excesso e já não me pertencia. Ao tempo em que me aliviava, me deixava plena e pronta para o renascimento.

E é assim que ainda hoje, mesmo sem lhe dar o crédito devido, percebo que oitenta por cento de mim é água e também eu sou apenas vinte por cento de mim sem ela.

A água, meus filhos e eu...

Najó Glória dos Santos

Aconteceu em 2000. Foi uma viagem de férias. Moramos em Aracaju, mas sou nascida em Manaus, Amazonas, berço da maior bacia hidrográfica do planeta. Desde que as crianças nasceram (tenho dois filhos) me veio a ideia de proporcionar-lhes, sempre que possível, a vivência com as diversidades e as singularidades dos lugares e pessoas em seus variados aspectos.

Dessa forma, sempre privilegiei ir de Aracaju a Belém de ônibus, assim passávamos pelos Estados, observávamos as mudanças na vegetação, no clima e às paradas nas rodoviárias, percebíamos as diferenças na alimentação, nas frutas, nas flores e na maneira de falar de cada lugar. Afora o desgaste da viagem, o desconforto e os escassos recursos que um ônibus pode oferecer por dois dias; sempre acreditando que essa experiência não só os ensinaria a conviver com os obstáculos, respeitar as diferenças como também, agradecer pelo conforto de que usufruíam em casa e talvez, não se dessem conta.

Há pouco tempo havia acontecido uma seca muito grande no Sudeste e concomitante, uma enchente avassaladora no Nordeste, essas memórias só eu guardava; para meus filhos com nove e três anos então, o mundo era um grande circo e eu, o mestre do picadeiro (conservo esse posto até hoje).

Convém informar que na época, há quase vinte anos atrás, a viagem de ônibus Aracaju – Belém, durava cerca de quarenta e oito horas e o trecho Belém - Parintins, quase nove dias em um barco. Mesmo com estrutura, deixaria qualquer nordestino em pânico por estar dentro de um rio durante tanto tempo, mas para amazônidas, era “café pequeno”. Ademais, a inigualável oportunidade de ficar alheia aos acontecimentos – não havia sinal de rádio, a televisão não funcionava também por ausência de sinal, ainda não se dispunha de internet – e saborear a existência plena de sermos nós, uns com os outros, a natureza, rio de um lado e outro e apenas floresta ao nosso redor; nossos pensamentos, questionamentos, angústias. Enfim, nós e nossos anjos e demônios. A reflexão ainda era um exercício cotidiano e porque não dizer, salutar. Chegávamos em Santarém pela manhã bem cedo e nos era concedido o dia livre, enquanto o barco descarregava e carregava produtos de diversas ordens (veículos, grãos, maquinário pesado, medicamentos entre outros). Podíamos ir à praia de rio e ou conhecer a cidade, preferimos ir à praia, pois o barco zarpava às dezoito horas. Era tempo de sobre para mais uma aventura.

Eu já sabia que em uma região entre Belém do Pará (nosso ponto de embarque) e Parintins (nosso destino) havia um lugar chamado Estreito de Breves, que vive inundada a maior parte do ano, onde a comunidade vive e sobrevive também de doações arrecadadas a partir do lançamento de “produtos” lançados às águas pelos viajantes dos barcos. Os produtos variam desde utensílios domésticos, passam por vestuários e vão até gêneros alimentícios. Os ribeirinhos – pessoas que vivem à margem dos rios

– vem em canoas, barcos muito pequenos e resgatam o que lhes é lançado pelos passageiros das embarcações. Alguns ainda comercializam produtos nativos como palmito, frutas, doces, unguentos, peixes entre outros artefatos extrativistas. Vale ressaltar que o risco de serem tragados pela correnteza do rio ou pela movimentação das águas proporcionada pelos motores do barco, os coloca em situação de extrema vulnerabilidade.

Foi uma excelente oportunidade de crescer aos olhos de meus rebentos ao argumentar sobre os fenômenos que nos acometem a todos. No Nordeste, temos uma situação singular de nos vermos impedidos à plantação e consequente colheita, em decorrência da ausência de água. O contraste se tornou evidente, mas fiz questão de explicar que no Norte, somos frustrados por situação oposta. O movimento de “enchente” – degelo da Cordilheira dos Andes – e vazante, período que o rio lança suas águas ao Atlântico, não admite o espaço de tempo necessário à preparação da terra, plantio e colheita em tempo hábil. Razão pela qual os amazonenses importam a maioria dos gêneros alimentícios de origem hortifruticultora de outras localidades.

O que ficou na memória das crianças ainda questiono, mas a vivência partilhada, as adversidades percebidas e a observação “in loco” das forças da natureza e a regência das águas como fluxo vital daquela comunidade certamente os tornou seres diferenciados, pelo menos quanto ao consumo da água, ainda que seja na hora do banho ou de escovar os dentes, por vezes.

As duas águas em que habito

Rafael Senra²⁰

Minas Gerais não tem mar, mas nem só as águas oceânicas imprimem seus mitos nas mentes e corações dos homens. Quando li o conto "A Terceira Margem do Rio", do meu conterrâneo mineiro Guimarães Rosa, entendi um bocado de tudo aquilo que a narrativa permitia ser entendido. Nas cachoeiras de nosso Estado natal, uma boa dose de mistério se insinua, por entre as pedras e musgos que emolduram o sumo das nascentes à escorrer pelas colinas. Cada mergulho significa um flerte com qualquer coisa que o vocabulário não alcança, com profundidades que força alguma mede.

Anos após essas primeiras experiências, me mudei para o Amapá, e não demorei a notar que as águas eram outras. É como se as águas fossem como os homens, e, em lugares diferentes, assumissem outras identidades, relevos, matizes. Os igarapés e rios amapaenses se movem e se insinuem bem diferente das cachoeiras, rios e açudes de Minas.

Lá em cima, descobri que as águas são como as pessoas. Elas respondem ao ambiente em que estão. Não podemos tratá-las a partir de fórmulas universais. Falar de H₂O talvez seja apenas uma platitude

²⁰ Professor Doutor em Letras da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Escritor, autor de quadrinhos. www.rafaelsenra.com.

discursiva, semelhante a dizer que todas as pessoas são "humanas". O norte do Brasil me ensinou que os líquidos e os sólidos se encontram na inconstância.

Os dois Estados em que transito não tem ligação com o mar. Na verdade, essa afirmação é quase verdadeira, pois o Amapá se encontra com as águas salgadas apenas na cidade de Calçoene.

Em Minas Gerais, porém, mar só se for de montanhas. Basta subir no pico do Itacolomy ou na Serra de Moeda para comprovar que a metáfora não funciona apenas como uma figura de linguagem simpática.

Sinto bastante essas diferenças quando viajo de avião entre minhas duas moradas. Ao sair de Minas, vejo as cadeias colossais de montanhas que parecem ondas congeladas de mata atlântica e cerrado, resistindo aos ferimentos e cicatrizes da atividade mineratória desenfreada. Depois de algumas horas, a imensidão de águas amarronzadas que abraçam nossos olhos são a senha para que saibamos estar já no pulmão do mundo, a Amazônia.

Em Minas, o que se vê até o horizonte são terras que parecem ter ondas, serras que parecem se mover e negar sua condição pétrea; enquanto que, no Amapá, os rios são grandes e calmos e marrons, ao ponto de parecerem ser terra, e não água. São assim, paradoxais e encantadoras, as terras e as águas dos meus dois lares.

O peixe fora e dentro das águas

Rafael Senra

Nem todo peixe nasce sabendo nadar. Claro que um biólogo contestaria essa ideia (é como dizer que existem pessoas que nascem sem saber respirar). Mas não se preocupem: estou apenas buscando alguma frase de efeito para aludir às pessoas do signo de Peixes que tem algum tipo de trauma aquático.

No meu caso, eu devia ter uns sete ou oito anos quando entendi algo importante sobre a força das águas. Era aquela idade em que não aprendemos que a tomada dá choque apenas porque alguém nos aconselha a ficar longe dela. Tudo aconteceu enquanto minha família comia aipim de camarão num quiosque da Praia do Forte, em Cabo Frio. Eu avançava sobre as águas salgadas sem imaginar que toda aquela beleza azul pudesse ser remotamente traiçoeira. Em dado momento, senti como se existisse um imã oculto nas águas, devido à forte maré que me tragava para sua parte mais profunda. Lembro de minha mãe surgir como que do nada, quase que feito uma lemanjá, segurando meus pequenos bracinhos e me levando de volta à margem.

Apesar do episódio, nunca deixei de amar os litorais, apenas somei a esse amor uma dose enorme de respeito. Na verdade, a força telúrica das águas já parecia fazer sentido em minha cabeça de criança antes mesmo de ter conhecido o mar. Tenho lembranças mais sensoriais que racionais

desses primeiros anos de vida, como quando ía no Clube Recanto da Serra, em Congonhas, e passava tardes inteiras dentro d'água. Eu saboreava as tonalidades azuis da enorme piscina (o que não parece enorme para uma criança?), de observar aquilo como se esperasse restaurar uma parte essencial da existência. Até hoje, quando me deparo com aquela cor que chamam "azul piscina", minha mente divaga para reinos aquáticos insondáveis.

Desculpem se exagero nas hipérboles à respeito das águas, de sua materialidade ou mesmo de sua simbologia. Parece covardia culpar o signo e os astros pelos deslizes que cometemos, mas vou me permitir confessar aqui a dor e a delícia de ser de Peixes.

Muita gente se incomoda com a astrologia, desprezando a ideia de que os astros podem interferir ou influenciar nossa liberdade. Como me sinto bem confortável sendo pisciano, talvez me incomode menos. Só é chato não poder tirar onda de que nado muito bem. Peixe, nesse caso, é apenas no plano simbólico e astrológico.

A travessia fluídica nas superfícies humanas

Rafaela França²¹

Tantas são as vezes em que pensamos sobre as relações afetivas. Fizeram-me outro dia a pergunta: “por que a amizade antigamente era mais séria?” respondi que não acho que antes fosse um paraíso, mas o nosso chão anda movediço. Ávido de ter e talvez não de ser.

Estão cada vez mais altos os muros que carregam em si a densidade do descartável; amizade com data de validade limitada. A fugacidade das pessoas corre para desaguar onde?

Há na epiderme social a ideia de que para viver melhor, uma das condições é conhecer um número máximo de pessoas, inclusive aquelas com potencial de troca. E todos os dias, o ruído: o que vamos encontrar ao dobrar aquela esquina?

Aos poucos mergulhamos em mares invisíveis, imprevisível do homem. A tudo isso se dá um ar de incredulidade, de liquidez, de medo, da impossibilidade de ancorar. Ouso batizar este tempo com o clichê de praxe:

²¹Professora graduada no Curso de Letras pela Universidade Potiguar (UNP) e pós-graduada no Curso de Literatura e Ensino por meio do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). Nascida no município de Encanto-RN. Apaixonada pelos vieses da alma: literatura, poesia, música, arte... tenta transformar o cotidiano árduo em versos livres.

“Baile de Máscaras”. Mas atrás dessas máscaras não há apenas maldade. Às vezes a beleza emerge no espaço entre uma hora e a outra. O principal talvez seja a necessidade de enfrentarmos de peito aberto essa predisposição a cólera, a exagerada aceleração do tempo. Quero pensar que é esse o sentido.

Quero também elucidar as amizades duradouras, aquelas que não são fúteis, corrompidas por circunstâncias. E fazer lembrar Hermínio Bello de Carvalho, na canção amigo é casa: “Amigo é feito casa que se faz aos poucos e com paciência pra durar pra sempre. Mas é preciso ter muito tijolo e terra, preparar reboco, construir tramelas”.

Por isso convém saber sinalizar a bússola do navegador, o curso de vida que nos remete ao pretérito, presente e futuro. Não sei se sou otimista demais.

Ancorada na dor e no riso

Rafaela França

A solidão chega com a noite, assim, naturalmente e acompanha-me com um copo americano de cerveja. Ando me repetindo. A sensação é que o cansaço despoja do corpo, saindo para o mundo. Essas palavras, entre um gole e outro, só podem referir-se ao rio que deságua em mim. São águas escuras de incertezas, de medo do tremendo peso de ser gente nas ondulações do tempo. Não, não é o delírio etílico. Talvez seja a solidão fluindo em mim.

Nesse desconforto dos dias, a vida segue adiante, o ser humano vai enclausurando sentimentos, suor e lágrimas. Não é preciso esmiuçar o caos, a sociedade especifica o âmag, as superfícies que pontuam a atmosfera. Os bancos das praças, igrejas estão gastos, abarrotados de orações. O velho “rivotril tarja preta” é duro como pedra. Ah! Que o diabo o carregue.

Estou ficando frágil e íntima com esse papo. Esses pensamentos levam-me maciçamente de um lado para o outro. Não ande mais, digo. Ai, ai, ai! Porque continuo omissa a mim mesma. A gente bem que podia ser original.

- Podia? Nós perdemos? pergunta a voz do silêncio.
- Perder? Nunca. Retruco desviando o nariz.

Duas horas depois, o ócio criativo me fez ver que não aniquilaram todos os trevos. De modo algum. A força da palavra ecoou nos meus tímpanos: “O que estou mesmo procurando? Desviar os sonhos?”. Mas ele está bem na frente, emergindo em todos os rios da nossa alma. Solto, valente, sem temer o mar.

Água da moringa

Raquel Naveira²²

A um canto da sala da casa de minha infância, bem junto à porta que se abria em duas folhas, ficava uma pequena mesa. Sobre ela, uma toalha de renda e uma moringa de barro com um copo servindo de tampa, sempre cheia de água fresquinha. Era um convite para quem chegasse ou saísse, naquelas tardes abafadas e quentes de Mato Grosso. Um presente de hospitalidade: água para o visitante, soberana das maravilhas. Maior das riquezas. Mais preciosa do que as pérolas, pois de que valeriam para o beduíno sedento? Sorvia-se a cada gole um pouco de pureza e bênção. Que sabor inesquecível tinha aquela água.

Havia todo um processo: a moringa fora lavada, depois foi colocada água dentro dela com um punhado de açúcar e folhas de laranjeira até encharcar o barro, que roubaria o calor do líquido, deixando-o sempre frio. A água ficava doce, doce. Parecia ter vindo de um lago onde a lua leitosa se banhava inteira. Dentro da moringa morava uma aurora branca. Palavras

²² Professora, escritora, formada em Letras e Direito pela Universidade Católica Dom Bosco, de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, onde se aposentou. Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Mackenzie de São Paulo. Colunista de diversos jornais. Escreveu vários livros de poemas, ensaios, crônicas, infantojuvenil e romance. Pertence ao PEN Clube do Brasil, à Academia Cristã de São Paulo e é vice-presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

úmidas boiavam em flutuações de desejos e sentimentos secretos. Se um peixe fosse jogado dentro dela, certamente ressuscitaria e se tornaria imortal, nadando como faísca entre as paredes de limo. Tomar daquela água era momento de pausa e carícia. Era tirar toda amargura do coração.

Quando quero lembrar de algo que me encha de sabedoria, sinto o gosto daquela água da moringa. Meu sorriso fica claro, os meus gestos fluídos e as notas de um cântico de paz pingam em gotas dos meus lábios.

Vi um cântaro parecido sobre os ombros da mulher samaritana, numa imagem cor de sépia, pendurada sobre o sofá de couro, numa outra casa portuguesa, a dos meus bisavós, Maria e Antônio, na rua Treze de Maio. Quando eles partiram, eu tinha uns sete anos. As recordações ficaram vivas em minha memória. O quadro mostrava o poço no deserto e um encontro essencial: a mulher samaritana e Jesus. Jesus se revela como o Senhor da Água Viva dizendo: “— Aquele que beber da água que lhe darei não terá mais sede. A água que eu lhe darei se tornará nele fonte de água a jorrar em vida eterna.”

Meu bisavô amava essa passagem e contava com lágrimas nos olhos:

— A samaritana teve o privilégio de oferecer água ao Mestre, água da bilha.

Água é mesmo energia e força nova. Desoladora a situação que estamos vivendo com problemas de abastecimento de água, reservatórios em níveis baixos, seca no Nordeste, enchentes no resto do território, crise no sistema Cantareira. É preciso urgente mudar nossa relação com a água. Pontos de água são lugares sagrados. Alguém disse que não existe amor em

São Paulo. É da água que nascerá o amor. Há um salmo que diz: “Junto aos rios da Babilônia, nos assentamos e choramos”. A água é objeto de súplica.

Clamemos a Deus para que ele escute nosso grito e envie os seus aguaceiros. Que venham chuvas de primavera. Que o orvalho faça romper flores improváveis no asfalto.

Só aquela água da moringa saciava a terra seca da minha alma. Eu me orientava para a porta com o faro de uma corça. Dentro dela brilhavam luzes e cacos de estrelas.

Poço

Raquel Naveira

O poço ficava no quintal, ao lado da varanda de treliça verde. Era um círculo estreito, guardando um abismo, uma fonte, um mistério. Ouço ainda o barulho das roldanas levando o balde de alumínio ao fundo, que voltava com água fresca pontilhada de estrelas.

Causava-me medo aquele poço, luneta gigante apontando para o útero da terra e não para os astros. Apontando, talvez, para os infernos, para o limbo, para o musgo, para a morada dos mortos cheia de ecos, palavras absorvidas pelo silêncio.

Aquele poço estava no meio do meu caminho, como a pedra do poema de Drummond. Era sagrado, a boca aberta para o cosmos, às vezes tampada por uma tora de madeira. Eu passava perto, reclamando de sede, sentindo-me perdida como Alice, a do País das Maravilhas que, seguindo um coelho branco, de olhinhos vermelhos, que passou correndo perto dela, entrou numa toca que parecia um túnel e caiu. Caiu num poço muito, muito cavado. A menina não sabia se estava caindo devagar ou se o poço não tinha fim. Ficou assustada. Olhou para baixo e não viu nada. Estava tão escuro! De repente, acordou. Acabara-se o tombo. Foi nesse espaço que ela bebeu poções mágicas; cresceu e diminuiu de tamanho em frente a espelhos. Encontrou a Lagarta, o Peixe, o Gato Maltês, a Duquesa, o Chapeleiro

Maluco, a furiosa Rainha de Copas que queria lhe cortar a cabeça, o mitológico Grifo, a Tartaruga Fingida e outros personagens, num sonho vertiginoso de aventuras irônicas e lisérgicas. Alice escancarou a porta do surrealismo, onde os relógios derretem nos degraus das escadas e as imagens passam sem controle pela mente.

Já havia germes da imaginação fantástica dentro de mim. Lembrava-me da história contada pelos irmãos Grimm em que um soldado, conduzido por uma bruxa, desceu num cesto preso a uma corda ao fundo de um velho poço sem água, no qual caíra um lampião. O lampião espalhava uma bela luz azul que nunca se apagava. E lá, um anão escondido na fumaça de um cachimbo, pegou-o pela mão e o levou por um corredor subterrâneo, cheio de tesouros. O soldado, claro, depois de muitas peripécias, casou-se com a princesa de um reino próspero.

Quase mergulhei nesses delírios, a cabeça pendida no buraco do poço, os olhos buscando segredos. Súbito, atirei nele os desejos de minha mocidade e rejeitei questões loucas de meu espírito. Tudo boiou lá embaixo, tilitando como moedas de ouro.

Foi num poço assim que Jacó encontrou Raquel, a pastora de ovelhas. Beijou-a e chorou de paixão. Tão curta a vida, tão grande o amor... Foi num poço assim que Jesus deu de beber à mulher samaritana a água viva do conhecimento. Bem que ela estranhou, judeus não conversavam com samaritanos, ainda mais com uma mulher. Como ele tiraria água do poço se estava com as mãos vazias? Mas ele insistiu, disse que mataria sua sede. Ela, uma mulher só, embora tivesse tido tantos relacionamentos. Largou o cântaro na borda do poço, o coração disparado com a revelação.

Para entrar na varanda, onde havia uma mesa com livros e cadernos escolares, eu calçava com cuidado as chinelinhas de borracha encostadas no poço. Um limo verde ficou entranhado para sempre em meu corpo, em minha alma.

Águas primeiras

Roberto Corrêa dos Santos²³

Era bom o macio líquido do corpo da mãe: mas a criança a vir não sabia, não sabia nem mesmo nada acerca de um a-*vir* criança; era a criança a vir tão apenas, no dentro do corpo da mãe, um algo; a criança a vir custou a saber; soube mais tarde lendo teorias sobre a vida mental.

Um saber, vindo por vias secas das letras, não dava nem ao algo-criança nem ao algo-adulto qualquer consolo: uma pena!

Uma pena que a ideia de bom (ligada por vezes à ideia de líquidos móveis repletos de sons de toda a natureza barulhenta dos corpos daqueles seres a se nomearem depois, quem sabe, de mãezinha) não se sinta ali, ali bem naquele nosso inimaginável estar antes-do-mundo.

O barulho do próprio corpo escuta-se, e escuta-se bem alto, quando parados ou mais alto ainda por meio das máquinas destinadas a registrar os prováveis caroços e curvas e entupimentos que têm servido de explicação de dores e doenças presentes ou futuras.

Sabendo-se ou não, temos por bom o macio líquido do corpo da mãe, uma água hidratante com sal e açúcar medidos; foi com esse vago pensamento, embora manifesto com outras palavras, que um homem de

²³ Artista e teórico da arte.

nome Orlando, morador de um dos subúrbios mais quentes do Rio suspirou sob o verão bruto de Santa Cruz.

Ele, Orlando, não conheceu jamais a autora do livro com o nome dele, *Orlando*; não soube jamais que Orlando, em papel e escrita, era tratado inteiramente como uma personagem líquida a transitar pelos séculos, por invenções humanas, por órgãos todos que nos localizam, sempre mal, em nossa dita marca de gênero.

Dois Orlandos, pois: Orlando de Santa Cruz e *Orlando* de Virginia Woolf; e ambos tinham um parentesco forte: um sofre com o calor, o outro morreria com o calor do Rio; ambos não dominavam os modos de reter o tanto de água e sal que seus corpos delicados deixavam escorrer; ambos estavam em locais de temperatura opostas, e igualmente amavam lojas de compras, assim como amavam mulheres e homens.

Amar homem para Orlando de Santa Cruz era sua terrível libertação do espaço fervente de Santa Cruz: ligava o ventilador (não havia, como nos castelos de *Orlando* de Virginia Woolf, os mil leques do mundo) e se deitava de costas para que mais outra sorte de calor lhe viesse bem do corpo do homem que em dias quentes sabia Orlando onde pescar; como se peixes com maresia existencial, aqueles homens regavam as costas de Orlando, com suor, bafo, baba, esperma.

Era bom o macio líquido do corpo da mãe! Mas em verdade não foi bem assim que pronunciou Orlando de Santa Cruz, mas era isso o que quis dizer pensando em sua úmida mãe, a única a compreender do filho seu hesitar, seu querer, sua sede.

A mãe de Orlando trouxe para ele, e para o amante dele daquele dia, trouxe-lhes água gelada em copos guardados no congelador; os dois beberam, aceitando piscínicos o que lhes acontece sem perguntas e sem declarações; sequer um “oh” estendido disseram no ato do gozo que ao acaso ocorreu a um só tempo.

Era bom o macio líquido do corpo da mãe; melhor seria poder ter dentro de si algo que provasse que o bom era seu, e era dom, e era para servir; assim sentindo, sem pensar, Orlando bem na madrugada veste a roupa de sair da mãe; viu-se fresco o corpo de Orlando de Santa Cruz; seu grandes ossos não estalavam estando no vestido da mãe; todo ele, Orlando, azeitado.

Orlando estava amando Orlando defronte ao espelho; parara o calor, um certo friozinho entra pelo quarto, era como se Orlando pela primeira vez percebesse o não visível, mas real, filete de sangue descer-lhe pelas pernas, era bom.

Orlando de Santa Cruz mudou de bairro, mudou de emprego, não procurou mais homens quaisquer, teve consigo umas tantas mulheres que amou.

Orlando de Santa Cruz passou a ler, e no dia em que lhe disseram que a inglesa Virginia escrevera *Orlando*, Orlando tremeu! Dia a dia tremendo esteve com o livro mágico sob os olhos.

Quis então Orlando chamar-se a si de agora adiante, e após lutas judiciais diversas vencidas, quis chamar-se de, de Orla.

Segundas águas

Roberto Corrêa dos Santos

Um senhor (muito senhor demais para que me despertasse atenção, pois como senhor demais já me basto), acho, gostou de mim; percebo pelo modo como me olha encostado ao balcão com um sorriso inquieto e cativo dentro dos olhos. Percebo com total clareza e continuo de pé a seu lado segurando eu minha xícara e ele a dele. Disse-me ele então, o senhor demais senhor, disse-me: "tudo bem?".

Não respondo logo, a pergunta era, como ele, por demais sem água.

"Nunca vi você por aqui", ele, o senhor demais senhor, diz e continua com suas frases oclusas: "gente simpática no Rio quase não há".

Então, então deixo-me ir vendo dele a juvenil armadilha.

"Os do Rio somos antipáticos, o senhor acha?", indago (de minha boca poderia ter saído "você", ao invés de "senhor": somente a velhice alheia reconhecemos!).

"Você", se eu dissesse "você" e não "senhor", eu lhe estaria a trazer água, um tanto mínimo que fosse de alguma umidade: e ele, o senhor demais senhor, juro, pedia de mim um pouco da água dos amores rápidos; com o rosto inteiro pedia-me dessa água, pedia-me que lhe retirasse eu da secura da velhice, era seu olho murcho implorando: "dá-me água", como se eu tivesse água, eu, logo eu, igualmente senhor demais senhor.

“Estou indo”, eu disse; “muito prazer”, eu disse; disse as duas sentenças um tanto triste por não ter podido dar-lhe a água que também quero e nem sei a quem pedir.

Triste estou, pensei, por não ter havido ali uma gota da graça que há em flertes.

“Já?”, ele, o senhor demais senhor, gaguejou a pergunta.

"Pois é", eu disse, estando já na calçada do bar para cafezinhos em Copacabana onde próximos estivemos; umas pontas de chuva descem sem frescor nesses esquisitos fins de verão no Rio.

Que você (eu disse “você”), que você aproveite o mar, o mar que para mim e para você deveria ser inteiramente feito de água não salgada, mas doce.



Mamãe em: Poupando água

Rosângela Trajano²⁴

Alguns chamam mamãe de Iracema, Irá, Cema. Eu a chamo apenas de mamãe, a minha linda mamãe. Pois bem, essa Iracema de que todos gostam e que chama a atenção por onde passa traz na alma uma economista formada pela escola da vida. Mamãe sabe economizar tudo. Nada com ela é demasiado, só o amor! E quanto amor ela tem no peito!

Certo dia, no final da tarde, voltava do trabalho, quando cheguei em casa e vi no alpendre duas bacias plásticas enormes. Tomei um susto e perguntei à mamãe o que ela faria com aquelas bacias. A resposta veio rápida. Ela disse que passaria a poupar a água da máquina de lavar roupas e com essa água aproveitaria para lavar o banheiro, a calçada, o corredor e etc. Então, mamãe colocou um cano de saída da máquina de lavar roupas para a bacia de forma que aproveitava toda a água que ela jogava fora. Mas, não ficou apenas nisso. Iracema, a minha amada mamãe, foi mais longe com a economia de água. Ela nos proibiu de dar descarga no banheiro. E sempre que vai ao alpendre, enche um baldezinho e deixa na porta da cozinha pronto para ser usado no banheiro, quando necessário.

²⁴ Rosângela Trajano é licenciada e bacharel em filosofia e mestra em literatura. Escreve poesias para crianças e gosta de mandar cartas para uma menina de vestido vermelho. Também desenha meninos e meninas que vê nas ruas ou na sua imaginação. Ensina inglês às crianças da sua rua e dá comida aos pardais que cantam à sua janela nos finais da tarde. Gosta de fotografar momentos da vida. Tem muitos livros publicados! É a criadora da *Revista Barbante* (www.revistabarbante.com.br).

Acho que mamãe merecia ganhar um prêmio por essa economia de água que ela faz há tantos anos. Se o assunto é água, pode chamar mamãe que ela tem a solução. E assim ocorreu na casa do meu irmão que anda de paletó e gravata para cima e para baixo. Ele viajou e a piscina encheu; derramou água na grama durante mais de cinco dias. A conta da água chegou com um valor enorme. O meu irmão ficou todo preocupado dizendo que não sabia como a torneira tinha aberto sozinha, pois certificou-se antes de viajar que tudo estava fechado. Ligou para o homem da companhia de água que não quis conversa e disse que ele tinha que pagar pela água desperdiçada. Preocupado com o valor da conta da água, meu irmão chamou mamãe para ajudá-lo.

Dona Iracema colocou os seus brincos vermelhos, calçou os seus tamancos, vestiu o seu vestido colorido, saiu apressada e toda serelepe para a companhia de água. Saiu tão apressada que esqueceu o pente na cabeça. Lá chegando convenceu o gerente de que o meu irmão não gastou um pingo de água e sim que ela foi toda aproveitada pelo solo e que seria devolvida ao homem novamente através do lençol freático. Conversa vai, conversa vem, a verdade é que mamãe convenceu o gerente de que o meu irmão não pagaria pelo desperdício da água.

Mamãe viu o gerente olhando para ela com um jeito esquisito e perguntou o que estava acontecendo. O homem deu um pequeno sorriso e perguntou se usar um pente na cabeça era a nova moda das mulheres. Mamãe passou a mão na cabeça e sentiu o pente. Sorriram os dois! Quando chegou em casa ela ainda olhou para mim e perguntou, sorridente: “Não estou certa de que a água voltará para o homem?”

Mamãe tem vários baldes que ficam na porta da cozinha prontos para serem usados. Ah! Quase me esqueço. Ela também junta água da chuva. Quando vê que vai chover, Irá corre com os baldes para perto da bica e os coloca em filinhas. A chuva caindo e ela enchendo os baldes. Quando a chuva para, há água para dar descarga no banheiro por uns três ou quatro dias. Mamãe aproveita bem a água, porque sabe que há pessoas que morrem de sede no sertão nordestino. Diz que um dia, se não pouparmos, a água poderá acabar.

O alpendre dela é cheio de baldes e bacias com água da máquina de lavar roupas. Mas ela também aproveita a água da pia de lavar louças. Na pia de louças ela coloca uma bacia pequena e só abre a torneira para enxaguar o copo ou a panela e fecha, imediatamente. Pode parecer engraçado, mas eu já vi mamãe conversando com a água. Era uma conversa meio esquisita, que falava de eu gosto de você porque não sinto sede nem calor quando está comigo.

E tem uma coisa, se mamãe pegar alguém desperdiçando água, fica brava com a pessoa. Para ela, todas as pessoas que têm carro deveriam lavá-los com água usada e não limpa.

Dona Iracema é mesmo o maior barato! A velhinha bacana que anda por aí com uma garrafa plástica de água na bolsa, porque diz ela que a água é a sua melhor amiga depois de Erenita.

O banho na cacimbinha do rio das Quintas

Rosângela Trajano

Ah! Que saudades do tempo da minha infância! Se eu pudesse voltar alguns anos na minha vida, pararia naquela tarde quente de verão tirando água da cacimbinha do rio das Quintas e molhando o meu corpo todo. Eu, menina buchuda que não conhecia os problemas e as dores da vida.

Durante a semana a gente ia à escola, e nos fins de semana as mulheres juntavam as roupas sujas para lavarem no rio das Quintas. Era aquela fila de mulher e crianças com trouxas de roupas na cabeça se dirigindo ao rio das Quintas. A gente cantava no caminho “lava, lava, lava, lavadeira quem te ensinou a lavar// foi, foi, foi, o peixinho do mar// esses meninos de hoje que atiram de baladeira mata todos os pássaros, mas não mata a lavadeira”. Uma música que ficou nas minhas lembranças. Eu ia segurando a mão de Mãe Xiquinha, a minha bisavó de oitenta anos, os meus irmãos costumavam pegar na saia de mamãe, o mais novo chupando o dedo, o do meio com cara de assustado. Eu carregava uma latinha de leite vazia e enferrujada para encher d’água e ficar brincando na cacimbinha.

Aquele era o meu melhor passeio de menina. Ir à cacimbinha era uma alegria enorme. Não cabia em mim. Quando a cacimba secava, a gente ficava tudo com os olhos do tamanho do mundo esperando ela encher. Um banho na cacimbinha enquanto mamãe e Mãe Xiquinha lavavam as roupas era a nossa felicidade. Eu usava um vestido velhinho vermelho costurado por dona Joaquina, que fazia vestidos lindos para mim. Eu tinha chinelos de dedo e dois totós na cabeça que eu odiava, mas mamãe dizia que era para os cabelos não arrepiarem.

Eu e a cacimbinha tínhamos um caso de amor que nunca acabou. Aquela água quando molhava o meu corpo parecia que me trazia poesia junto com ela e talvez por isso eu tenha aprendido a escrever tantas poemas para crianças ao longo desses meus anos como mulher.

A cacimbinha do rio das Quintas tinha água limpinha e cheirosa. Era uma fila de meninos para encherem as suas latinhas de água. Era uma fila de mulheres mandando a gente sair do meio para tirar água da cacimba e lavar as roupas sujas. A gente disputava com os adultos a água da cacimbinha. Eu aproveitava para dar banho nas minhas bonecas de plástico e lavar os seus vestidos. Mamãe me ensinou a lavar roupas no rio, e eu toda orgulhosa colocava a roupa das bonecas para quicar em meio aquele sol forte do meio-dia.

A água da cacimbinha servia também para abastecer as nossas casas, pois não tínhamos água encanada. E os homens iam todas as noites pegar água com as suas latas grandes para encherem os tonéis. Eu ficava olhando o meu pai sair de casa com aquela lata nas mãos todo feliz e perguntava se podia ir com ele. Minha maior curiosidade naquele tempo

era saber como dormia a cacimbinha. À noite, quando estava na minha rede, ficava a pensar se a água da cacimbinha dormia também e só voltava a jorrar pela manhã. Eu pensava cada coisa esquisita quando menina...

De repente, eu cresci. E o rio das Quintas junto com a cacimbinha foram enterrados e no seu lugar construíram uma fábrica. Hoje o que era um rio, água abundante, mato verde, andorinhas fazendo cocô nas roupas a quarar... hoje, só tem barulho de máquinas e a minha saudade do tempo em que a minha única preocupação era não molhar o chinelo de dedo que eu guardava dentro da bacia de lavar roupas de mamãe para só calçar quando voltasse para casa.

Eis a minha cacimbinha do rio das Quintas que tantos sorrisos me deu. E a lembrança de mamãe a me chamar quando o sol deitava para dormir: “vamos embora, Rosângela, amanhã você toma mais banho”.

O chá

Sheyla de Azevedo²⁵

Ninguém sabia ao certo o momento exato em que Moema ficou adoecida. Os olhos de pouco brilho, secos como a terra do quintal; os ossos finos como a cerca de pau que delimitava o desejo ruminante das cabras de comer tudo pela frente, fosse o mato morto às suas voltas, fosse a serra toda de pedra.

Sua pele era de um amarelo morto. Distante do tom terroso do barro que seu filho, Telúrio, comia constantemente e, com isso, oferecia um farto banquete às suas lombrigas que se espremiavam na fina e estufada pele da barriga. Nos afazeres do dia-a-dia, Moema era uma moça que interpretava a natureza, semeando novas formas com as fibras do agave. Ela tecia e vendia na feira. Cestos, bolsas. Às vezes, fazia simplesmente tranças de cordas. Fala-se, que uma vez, alguém comprou cordas suas em busca da serventia sinistra de partir dessa vida para melhor; para se abrigar no abismo acolhedor do silêncio que aniquila nomes e encerra histórias. E

²⁵ Sheyla de Azevedo Andrade nasceu em Campina Grande (PB) e é radicada em Natal desde os anos 1980. É jornalista. Trabalhou como repórter de Cultura e Cidades em jornais impressos e televisão. Como assessora de imprensa trabalhou para a Fundação José Augusto e como repórter já fez diversas matérias para revistas como Preá e Brouhaha e também foi editora de cadernos literários na Tribuna do Norte. Foi assessora parlamentar no Senado Federal. E escreveu o ensaio biográfico, “Navarro, um ano feito sereno”, sobre o escritor e pintor potiguar, Newton Navarro. Atua também em psicanálise clínica e é artesã.

a partir dessa lenda que se espalhou e, como toda lenda, guarda verdades, Moema parou de fazer as cordas. Não compreendendo que muitas vezes a liberdade e o alívio moram longe das dores que alguns chamam de vida.

Não se sabia ao certo a sua idade. Mas era madura o suficiente para apresentar algumas nuvens de mágoa no olhar. Não era pessoa de muita convivência ou risadagem com homens. Então, quando apareceu grávida de Telúrio quatro anos antes, ninguém ousou perguntar a quem pertencia, do lado de fora, aquela semente que crescia em sua barriga. Nem ela tinha vontade de responder. E assim ficou por isso mesmo. Telúrio nasceu. E só segue no seu silêncio, sem assombros de fantasmas de um pai que nunca teve.

A velha mãe de Moema, dona Crepusculina, estava cada vez mais se confundindo com as paredes do pequeno casebre. Rota, apagada, calada desde sua fundação. Esquecida de si. Até do próprio nome. O pai, Quirino, ainda arriscava uns grunhidos de existência. Mas sua fala era tão frequente quanto a chuva, que nunca caía por aqueles lados; decerto represada nas rochas do céu. Quirino vivia calado porque estava sempre ocupado em pensar por ele, pelas mulheres, pelo neto, pelo povoado inteiro. *Os homens de longe dizem que o céu não é azul e que as estrelas têm brilhos, mesmo depois de mortas.* Ele pensava nisso de vez em quando. E essa desesperança das coisas visíveis e palpáveis da natureza se assentavam no seu desencanto de entender por quê nunca chovia. E tudo estava secando e morrendo ao seu redor. Inclusive, a filha Moema.

Menos ele. Cada vez mais parecido com o juazeiro da beira da estrada. Seco, mas teso e firme. A olhar para o céu.

E assim os dias se passavam naquela casa. Moema curvando-se à doença, sem queixas, sem murmúrios, sem gritos, sem caretas. Somente os olhos secos e cada vez mais distantes de luz. Telúrio comendo barro. A velha mãe, como um velho retrato de família em preto e branco, pendurado na parede e o pai mapeando suas esperanças na cartografia que as folhas secas faziam no chão próximo ao juazeiro.

Ele tentava entender a natureza das coisas. *Manda uma resposta flor das águas! Manda um vento de nuvens ensopadas! Manda um sonho no qual eu possa sentir a textura das flores e a lembrança de algum nome de rosa. Eu estou me esquecendo dos nomes das rosas. E a minha filha está murchando, flor das águas!* Dizia ele aos seus pensamentos, como numa oração.

Até aquele momento não havia ninguém ou coisa, nem de dia nem de noite, que desse conta de trazer alguma luz para as dúvidas que dançavam na cabeça de cabelos ralos de Quirino.

Até que do nada, e por alguns poucos segundos, foi como se seus ombros pesados de solidão e carregados de nós da responsabilidade estéril de compreender o desdém da chuva, sentissem um sopro de alívio. Uma leve brisa chutada por acaso pelos pés distraídos de algum deus do horizonte. Quirino ensaiou um sorriso. Mas, sábio, desistiu. E permaneceu sentado à sombra do juazeiro. Em desespero, silente. Daqueles que antecedem a tragédia inevitável.

Quirino teve a inspiração de que Moema necessitava de um chá. Qualquer chá serviria e surtiria o efeito milagroso de desviá-la da morte. Entretanto, ele teria que ser feito de água de sereno.

A moça e o sombreiro

Sheyla de Azevedo

Era uma terça-feira. Talvez uma quarta, porque a manhã guardava um certo ar de meio da semana. Aquela coisa híbrida entre o que já foi e o que ainda está por vir nos afazeres diários. Eu acordei, para variar, atrasada para o primeiro momento do dia e adiantada para o seguinte. O dia amanheceu cinza. Úmido de chuva. Talvez Van Gogh tenha nascido num dia assim. E, desde muito cedo tenha sentido vontade de colocar mais azul e amarelo no horizonte.

As manhãs de um dia de chuva param os ponteiros do relógio no sol das seis da manhã, repararam? Aquele horário em que a cama é o lugar mais incrível do mundo e os lençóis impregnam-se com nossa pele, tornando-se um corpo único com nossa absoluta indisposição para levantar. Mas, para mim, esse pacto com a cama dura no máximo quinze minutos. Em seguida vem uma força avassaladora que me impulsiona para a ditadura das responsabilidades. Deve ser mal de proletário.

Saí de casa ainda com gosto de café na boca. E reparei que nunca sei escolher sapatos para sair em dias chuvosos. Sempre acaba sendo aquele par que umedece os pés na primeira poça d'água. Mas naquele dia, não só meus pés estavam fadados ao destino molhado do tempo. Na tentativa de fugir dos córregos que se formam no meio da rua, porque os bueiros estão obstruídos pelo lixo deixados nas calçadas, me aventurei a andar pelas calçadas. E, numa delas, pela insistência das águas vindas das nuvens, o

chão parecia com piso de shopping: escorregadio e molhado. E antes que eu pudesse terminar o raciocínio que questionava como é que alguém constrói uma calçada daquele tipo, comecei a patinar, parecer uma criança que está aprendendo a andar e sofre de labirintite ao mesmo tempo, escorreguei fartamente e caí sentada.

Uma queda guarda alguns átimos de segundo de tragicidade e, caso nenhum osso ou dente tenha sido quebrado - alguns outros átimos em que a órbita da terra e as leis de Newton se embaralham e não fazem sentido algum. Nas minhas poucas quedas depois de adulta, sempre penso que deveria ser decretado um feriado nacional, que todo mundo deveria estar em casa de portas fechadas para não ter a honra de presenciar aquela minha humilhação dentro do meu universinho particular e tolo, de morrer de vergonha por ter perdido o equilíbrio e sentir a dureza do chão. Mas, como eu disse antes, isso não dura nem um segundo inteiro. Depois de uma rápida inserção de que foram só arranhões leves e um pequeno susto, geralmente, já começo a rir, faço piadinha interna e penso que encontrei material para uma crônica. E naquela manhã, tinha que seguir o baile, com ou sem chuva!

Logo percebi que há poucos metros de mim, dois meninos vinham na direção contrária para onde eu ia. Eles se abraçavam desajeitadamente, abrigando-se num minúsculo guarda-chuva. E, embora eles tivessem presenciado minha queda, não pareciam se divertir. Fingiam que nada de mais - e nem vergonhoso – tinha acontecido, ato heroico que eu agradeci profundamente no silêncio da minha timidez repentina.

Já caminhando em direção à parada de ônibus, deu tempo de ouvir o menor deles perguntando ao maior, de mais ou menos uns 13 anos, como era o nome daqueles enormes chapéus mexicanos.

Eu, para parecer descolada e desencanada com a queda, com a bunda molhada e a sandália quase partida ao meio, falei alto para eles ouvirem: *o nome é sombreiro!*

E o maior deles, num dos atos mais gentis e cavalheirescos que aquele dia molhado podia me dar, disse rapidamente em tom brincalhão: *não, o nome é gatinha molhada!*

Engenharia de pesca na prática

Suanam Glória Fontany²⁶

A água sempre foi um lugar que me trouxe paz, dado meu histórico familiar nortista, a afinidade com a água doce sempre foi maior...

Uma das maiores felicidades da vida foi passar no Vestibular na Ufam pro curso de engenharia de pesca. Mudar da minha cidade natal e de ambiente acadêmico; isso porque estudei a vida toda na mesma escola, Colégio de Aplicação, dentro da Ufs, Universidade federal de Sergipe, foi desafiador, mas tinha 19 anos e queria viver uma aventura.

Engenharia de pesca na Ufam é um curso de ponta, como não poderia deixar de ser... tem como *locus* a maior bacia hidrográfica do planeta. Assim, tem bastante bolsa e incentivo à pesquisa e à extensão. Eu, vindo de fora precisando me manter longe das mordomias maternas tratei logo de me incluir em um grupo de pesquisa. O sotaque diferente, os cabelos cacheados e a familiaridade com a cerveja me ajudaram a transitar no meio dos veteranos. Por ter estudado em escola federal, dentro da universidade, sabia bem do jogo de ego que existe entre calouro e veterano. Enfim... consegui logo nas primeiras semanas de aula uma vaga para

²⁶ Graduada em Ciências Contábeis e mãe de Alexia Glória.

participar das práticas de campo, não era bolsista, mas recebíamos diária, que já seria o bastante pra garantir “as condições materiais de existência” por algum tempo.

Minha primeira prática de campo começou no dia anterior, arrumando a mochila... calça, blusa com manga, tênis confortável para caminhada, boné, um maiô, várias ligações da minha mãe mandando fazer sanduiches, farofas (não sei porque, mas ela sempre teve medo que eu passasse fome). Pronto! Mochila arrumada, tudo à postos...

O celular toca...

— Manaus, ta onde? (me chamavam de Manaus porque é meu nome ao contrario)

— Em casa, Wallon.

— Te manda pra casa do estudante que tá tendo uma cultural e de lá mesmo pegamos o ônibus pra ir pro Tupé* amanhã de madrugada!

— Ok, tô indo!

A “cultural” na Ufs eram boas, mas as da Ufam eram sensacionais... A maior parte delas aconteciam na casa do estudante... Lá tinham alunos de todas as partes do mundo...

Pessoal reunido, cerveja gelada rolando, ops...cerveja acabou, fomos pro suco gamy...

Era madrugada, o ônibus já ia passar.... correria pra tomar o banho e se arrumar, e a correria foi tão grande que em vez de irmos com todo aquele aparato das orientações da mamãe, acabamos indo com short, sandália, camiseta...

Era época de seca do rio e, óbvio, que não atentamos, 5 calouros sedentos pelo conhecimento e pelas diárias. Resultado: o barco não conseguiu chegar na ilha e precisamos completar o percurso andando com todo o equipamento, mochila, balança, linha, isopor, mantimentos por mais ou menos 3 horas...

O calor do nordeste dói, mas o do norte me lembra algo parecido com o estágio pro inferno. Gente, era muito quente e havia aquele clima de chacota com os calouros, o sol a pino, isso tudo misturado com a noite perdida, a dor de cabeça... sim... era o inferno!

Finalmente chegamos. Depois de um longo e tortuoso caminho...

Parecia um oásis, no meio da floresta, um braço de rio gigante. Sem sombra de dúvida uma das paisagens mais bonitas que já tinha visto. Logo eu, acostumada com igarapés e rios rasos nordestinos.

Pronto, após chegarmos começa outro dilema: arrumar os equipamentos, organizar as balanças, colocar gelo no isopor, atar as redes, ver se as canoas estavam em bom estado e colocar o maiô pra observar os viveiros e os Pirarucus*.

Antes disso, a fome já apertava e tiveram a brilhante ideia de pular no meio do rio pra se refrescar. O que os calouros não contavam é que ao redor do flutuante existiam ganchos de metal pra poder segurar a estrutura no meio desse braço de Rio. Era um único gancho por lateral em uma estrutura de 40 metros quadrados mais ou menos. Sempre fui muito sortuda, e no primeiro mergulho meu pé se choca com a estrutura metálica ficando preso.

Foram os 5 minutos mais longos da minha vida, o veterano corre, se joga na água, tira meu pé, me ajuda a sair da água... era sangue pra todo lado, ele tira a camisa, pega um litro de cachaça já aberto e limpa... Pronto, agora a prática de campo estava animada, eu com o pé enrolado em uma camisa, mas já devidamente estancado. Como a caminhada tinha sido árdua, o sangue estava quente e não senti a dor, as horas foram passando, já tínhamos assado o peixe do almoço com a farofa de banana Pacovan e os ânimos foram se acalmando, e com ele a dor foi ficando latente....

Era uma aula prática para pesar, medir pirarucus cultivados em tanque-rede nesse braço do Rio Negro e fazer o controle da qualidade de água. A equipe era composta de 5 calouros, 5 veteranos e um aluno do Mestrado. Era a engenharia de pesca na prática e era fascinante e novo... não fosse mais esse desencontro com as águas.

Eu estava toda murcha, cheia de dor, sem poder andar direito, pensando na caminhada de volta, nas brigas que minha mãe me daria, no sol escaldante... Até que o aluno do mestrado chega perto de mim e diz “Manaus o jeito mais prático dessa dor passar é tomando uma dose” Prooonto, tomamos uma lapada da bendita cachaça e as dores foram anestesiando. Passamos a madrugada inteira fazendo análise da qualidade da água, pesando e medindo Peixe.

A caminhada de volta pareceu menor, o sol menos quente, o pé estava dolorido, mas suportável. Enfim... entre mortos e feridos salvaram-se todos!

Retornando a Manaus, fui ao médico, liguei para minha mãe, amenizei a história e ficou tudo certo.

Essa foi a primeira experiência em três felizes anos fazendo práticas de campo nas águas amazonenses.

“Deus está na chuva”

Suanam Glória Fontany

Falar em água é como falar de vida...nas fases, nos momentos.

Saí da maior bacia hidrográfica do mundo (Amazonas) para um estado onde, culturalmente, as pessoas têm a pesca como esporte oficial. Assim, como no Amazonas, aqui no Mato Grosso o clima é super instável e volúvel.

Quando as chuvas vêm, elas não perdoam, chegam sem avisar e normalmente causam um estrago imenso. Uma delas em especial, marcou.

Era domingo... depois de um sábado bem agitado.

Foi o primeiro sábado que saí pra curtir a *nigth* em um interior de 20 mil habitantes.

Neste peculiar interior em que existem mais “puteiros” que bares.

Saí pra dançar e voltei pra casa no domingo de manhã, com o café da manhã, óbvio.

Eu e o Cássio (rapaz que estava saindo há alguns dias) estávamos empolgados porque além de estar um dia lindo para ir ao Rio, era o primeiro final de semana com o carro novo.

Cheguei em casa, tomei banho rápido e me arrumei a sua espera, logo ele chega e como ainda não tínhamos decidido pra onde ir, sentamos na cozinha pra tomar uma cerveja até chegarmos a um consenso.

Do nada o tempo fecha... Eu já estava arrumada, ele também... a conversa em casa corria solta com os outros moradores:

— E aí, quem vai?

— Vamos, vai ser legal...

Nisso não percebemos que o tempo havia mudado completamente, o que era dia claro tornou-se completamente escuro e sombrio.

Antes que conseguíssemos falar “cutucajacacaiabil” o maior temporal do ano caiu.

Foi tudo tão rápido que não tivemos nem tempo para recolher nada!

Nessa casa há um portão de ferro de pelo menos 3 metros, o vendaval foi tão forte que derrubou o portão, voaram duas bicicletas...

O desespero de perder coisas estava tão a flor da pele que meu primo, Suan, correu pra tentar resgatar o espelho, era um espelho lindo de 1,5m.

Na corrida o espelho voou e se chocou com ele, se despedaçando, foi um susto imenso porque em menos de 2 minutos metade da casa estava perdida, um ferido ensanguentado, nessa hora o menor dos problemas era a saída frustrada pra comemorar o carro novo.

O vento era tão forte que derrubou caixas d’água. A cidade inteira foi afetada.

Bom... o ferido não quis ir pro hospital, optou por métodos de medicina alternativa como: Colocar cachaça no ferimento, enfaixar e tomar uma dose da pinga mineira mais forte que tinha.

O mais impressionante é que uma hora depois o sol raiou e por incrível que pareça, foi um agradável domingo. Ficamos todos em casa, sentados na parte da área que estava limpa comendo, bebendo e conversando sobre o quão passageira é a vida, o quanto fomos abençoados pelo espelho ter cortado somente a mão e não a barriga ou outro órgão vital, já que se chocou de frente.

Nessa conversa de final de tarde, falamos de Deus, falamos de amor, família, brincamos e agradecemos pelo Anakin (sobrinho de 2 anos) estar no quarto na hora do vendaval.

Poderíamos ter ficados revoltados, mas não, agradecemos por estarmos todos juntos e em segurança.

As chuvas servem pra isso, pra lavar a alma, também...

Tem um trecho de um filme que gosto muito “V de Vingança” em que a atriz principal diz “Deus está na chuva”, e é verdade.

Talvez precisássemos daquele momento juntos, daquela conversa, daquele riso solto...e principalmente agradecer por ela ter vindo e ido sem maiores perdas.

Amores que matam femicidas suicidas

Vera Duarte²⁷

Em Cabo Verde, em pleno século XXI ainda acontecem casos que nos horrorizam pela sua barbaridade. Sob a capa do amor, a arte de matar virou moda entre homens que não se conformam com a decisão das mulheres de deles se separarem.

Eis o relato de alguns casos amargamente trágicos...

²⁷ Natural da Ilha de São Vicente, Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lobo de Pina é Juíza Desembargadora, presidente da Academia Cabo-Verdiana de Letras, licenciou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa em 1978. Desempenhou, entre outros, os cargos de Ministra de Educação e Ensino Superior, Presidente da Comissão Nacional para os Direitos Humanos e Cidadania, Conselheira do Presidente da República e Juíza conselheira do Supremo Tribunal de Justiça. Ao longo da sua carreira, integrou organizações nacionais e internacionais ligadas ao direito, à mulher, a cultura e aos direitos humanos, nomeadamente Associação Cabo-Verdiana de Mulheres Juristas, Comissão Africana dos Direitos do Homem e dos Povos, Comissão Internacional de Juristas e Centro Norte-sul do Conselho da Europa. Foi galardoada com a medalha de mérito cultural no 30º Aniversário da independência (2005), o prémio Norte-sul dos Direitos Humanos (1995) e condecorada pelo Presidente da República com a Medalha da Ordem do Vulcão no 35º aniversário da Independência. Estreou-se na publicação com a obra poética *Amanhã Amadrugada* (1993), a que se seguiram *O Arquipélago da Paixão* (poesia, 2001, “prix Tchicaya U Tam’si de poésie africaine”.), *A Candidata* (ficção, 2004, prémio Sonangol de Literatura), *Precos e Súplicas ou os Cânticos da Desesperança* (poesia, 2005), *Construindo a Utopia* (2007), *A Palavra e os Dias* (crónicas, 2013); *A Matriarca – uma estória de mestiçagem* (romance, 2017), o livro de poemas *Risos e Lágrimas* (2018), e a Antologia “A Reinvenção do Mar” (2018) Tem no prelo o guia Cabo Verde Um Roteiro Sentimental.

1. Mónica, jovem bela, acaba de morrer vítima das queimaduras de terceiro grau que o ex namorado lhe provocou, ao mesmo tempo que ele próprio morria carbonizado.

Na flor de idade, nos seus esperançosos 21 anos, Mónica despede-se da vida que mal chegou a viver...

Tudo porque não quis continuar o relacionamento com Marco, pois este batia-lhe. Por isso rompeu o namoro.

Marco que era condutor de um camião que distribuía água na cidade arquitetou seu plano de vingança. Se ela não era para ele também não seria de mais ninguém.

Telefonou para Mónica e combinou um último encontro, no seu camião, para garantir a segurança dela, pois este se encontrava estacionado na via pública.

Ela foi desprevenida pois nada lhe fazia suspeitar o horror que iria viver.

No cumprimento do seu plano de vingança, Marco regou o camião com gasóleo e, na estrada solitária, assim que Mónica entrou na cabine do veículo, trancou a porta e disse-lhe desvairado:

— Agora nem tu nem eu. Vamos os dois morrer aqui dentro. E ato contínuo acendeu o fósforo que deflagrou o monstruoso incêndio.

Mónica horrorizada pediu clemência, suplicou e quando nada resultou atirou-se a ele, lutando desesperadamente. Quando a resistencia de Marco fraquejou ela conseguiu abrir a porta e saltar do camião. Com o corpo em chamas, correu gritando por socorro.

Ela foi socorrida enquanto Marco morria carbonizado dentro do caminhão.

Mas as queimaduras eram demasiado violentas e ela não aguentou.

Mónica, jovem e bela, na flor de idade, despediu-se da vida porque quis pôr fim ao relacionamento com o namorado que lhe batia.

2. Biazé não era tão nova, mas era mulher e tinha um filho. O pai de filho batia-lhe. E ela foi duas ou três vezes apresentar queixa na esquadra da polícia. Mas nada fizeram a não ser chamar o homem uma única vez para lhe fazer uma advertência.

Até o dia em que ela lhe disse que não queria mais viver com ele devido aos maus tratos. Este pareceu aceitar e saiu de casa...

Dias depois bateu à porta. Biazé abriu a porta desprevenida e assustou-se com o olhar desvairado de Ângelo mas não teve tempo de proferir uma palavra sequer. Assim que entrou Ângelo puxou da faca que trazia escondida atrás das costas e enquanto gritava improperios contra a mulher atingia Biazé a golpes de facadas. Esta procurava desesperada defender-se sem, contudo, conseguir evitar os golpes.

O filho de ambos, de 12 anos conseguiu fechar-se na casa de banho e de lá começou a gritar desesperadamente por socorro.

Quando o socorro chegou Biazé jazia ensanguentada no chão da sala e o agressor tinha fugido. Passados alguns dias foi entregar-se na esquadra policial da localidade.

Biazé de 42 anos viu assim ceifada a sua vida por ter rompido com o seu companheiro de longa data que sempre a maltratou.

3. Já Viviane, jovem de 21 anos, tinha um filho de seis anos, nascido quando ela era uma adolescente de apenas 15 anos e vivia com Vicente.

Mas ela também ousou dizer ao companheiro que já não queria viver mais com ele pois não suportava as cenas de ciúmes e brutalidade que ele invariavelmente lhe fazia.

Vicente não se conformou. Na sua cabeça só via imagens de Viviane envolvida com outros homens, embora na realidade esta não tivesse arranjado mais ninguém. Queria distancia dos homens.

Vicente foi fazer-lhe espera à saída do trabalho. Assim que ela saiu ele acercou-se dela e, à queima roupa, disparou a arma que a matou de imediato.

A seguir foi entregar-se na esquadra de polícia mais próxima.

O filhinho de seis anos ficou orfão de mãe e filho de pai preso. Mas não pôde ficar à guarda da avó materna porque esta também tinha sido assassinada pelo marido anos antes, e este tinha acabado por se matar na prisão.

Felizmente na vida quotidiana as coisas não se passam normalmente assim. Mas estes são casos não tão raros como desejaríamos. Por isso os registamos para alertar a sociedade. Aliás o amor só pode ser sinónimo de vida e jamais de morte sobretudo violenta.

Enquanto escrevo estas palavras que sagram, ouço na rádio a notícia do homem de 34 anos que matou à facada a ex companheira de 19 anos, com quem tem um filho de 4 anos de idade...

E outro...

Mónica, Biazé, Viviane, Melanie e Silviane são hoje apenas campas
onde choram filhos órfãos...

Ai as contas deste rosário de desespero...

Agosto de 2018

Mundo, século XXI, fronteiras físicas e morais

Vera Duarte

Continuamos a assistir, horrorizados, aos mais humilhantes sinais do mundo em desregulação em que vivemos.

E os MIGRANTES são, entre outros, os símbolos mais paradigmáticos de um mundo sem norte, mas sobretudo sem dó nem piedade.

Desesperançados ou desesperados com os conflitos armados, os fundamentalismos religiosos, os autoritarismos políticos, os regimes ditatoriais, a corrupção e a má governação, a violência e a falta de oportunidades dos seus países de origem, os migrantes buscam em outras paragens a realização profissional e pessoal que não conseguem no seu torrão natal.

Nessa busca eles são vergonhosamente explorados pelos agentes do crime transnacional organizado, pois são as vítimas prediletas de contrabandistas de toda a espécie;

Nessa busca enfrentam, de forma temerária, a morte que os espreita em cada troço da dolorosa travessia que hipoteticamente um dia os conduzirá às terras prometidas da Europa e da América.

E é assim que os migrantes continuam a sofrer e a morrer às mãos dos cães, às mãos do deserto, às mãos do mediterrâneo.

1. Há um vídeo devastador que circula na internet e nos enche de vergonha, tristeza e dor.

Trata-se de um negro africano ferozmente atacado por um cão polícia sob o comando de dois policiais brancos.

O migrante tenta desesperadamente escapar das ferozes mandíbulas do cão e prostrado, humilhado e vencido pede angustiadamente clemência.

Este é o mundo desregulado em que cães polícias ou policiais cães se confundem na sua qualidade de algozes daqueles que nada têm e desesperadamente procuram *El dorados* onde possam enfim realizar a sua sagrada condição de ser humano.

2. Mas há também o deserto

E as imagens brutais de homens, mulheres e crianças largadas em pleno deserto africano, sem água, sem comida, correndo contra a morte, não nos saem da cabeça.

Mulheres cujos filhos lhes morrem nos braços, jovens que sucumbem à agurra do deserto.

É a terra que deveria ser mãe a converter-se na mais desalmada e cruel madrasta.

3. Às mãos do mar

As imagens não poderiam ser mais horrendas.

Em frágeis embarcações, quantas vezes balsas insufláveis, os migrantes clandestinos são lançados no mar pelos contrabandistas

normalmente às costas da Líbia. Já aí começa a mortandade. Homens, mulheres e crianças. Sobretudo crianças não resistem...

Mas muitos conseguem percorrer o mediterrâneo e com ele a esperança de encontrar o El dorado. Mas a morte chega antes e muitos africanos são tragados pelo mediterrâneo tornado navio negreiro e cemitério.

Mas há, *helas!* os que chegam a Itália, Espanha, França, Malta...

Que fazer? Como desembarcar?

E aí começa o jogo infernal do gato e rato. Quem desembarca, quem não desembarca, quem recebe, quem não recebe...

4. Mas tudo o que dissemos atrás refere-se apenas a um tipo de fronteiras: as físicas. Que castram, sufocam e dilaceram, mas são mais vulneráveis que as fronteiras morais.

Os 14km que separam o norte da África e o sul da Europa constituem a fronteira mais desigual e injusta do mundo. Mas este é apenas uma fronteira física que até se pode ultrapassar...

As fronteiras morais são mais intransponíveis pois mexem com o que há de mais fundamental no ser humano que é a mente.

São aquelas que não se podem ver e não se podem atravessar pois estão nas mentes das pessoas, que, consciente ou inconscientemente as erguem.

As fronteiras morais excluem os outros apenas porque são diferentes. Elas são criadas pela opinião pública, pelo medo, pelo racismo, pelo preconceito e pelos estereótipos.

A pergunta impõe-se:

Como vencer essas fronteiras?

A Europa enriqueceu e desenvolveu-se também indo buscar mão de obra, cérebros e matéria prima em África, gerando muito dos males de que o continente ainda hoje padece.

A África tem de desenvolver condições para fixar suas gentes, é certo!

Mas porquê agora os africanos não podem entrar na Europa?

Agosto de 2018



Verão

Vinicius Mitchell²⁸



²⁸ Vinicius Mitchell é ilustrador, designer e quadrinista carioca. Graduado pela Escola de Belas Artes/UFRJ (onde é professor substituto de desenho) e mestre em Design pela PUC-RJ, atuou na imprensa carioca, participou das antologias “Irmãos Grimm em Quadrinhos” e “MSP50 – Maurício de Sousa por 50 artistas”, e ilustrou o livro “Cronicaturas de Futebol”. Desde 2014 escreve e desenha a tira digital “Janela Acesa” no endereço <www.janelaacesa.com>.

Gente de açúcar

Vinicius Mitchell

GENTE DE AÇÚCAR



WWW.JANELACESSA.COM

na talle

VINICIUS MITCHELL

O brejo dos antepassados

Vinicius Mitchell

O BREJO DOS ANTEPASSADOS

SE A CIDADE DO RIO FOI UMA
CONQUISTA DO PÂNTANO E DO MAR,



WWW.JANELACEA.COM

NUMA CHUVA DAQUELAS DE MARÇO,
AS ÁGUAS PARECEM DAR CORPO
AOS FANTASMAS DOS MORROS
APLAINADOS E LAGOAS ATERRADAS.



CAMINHAR PELO CENTRO PODE SER
ENFRENTAR MOMENTANEAMENTE
O BREJO DOS ANTEPASSADOS.



VINICIUS MITCHELL

Fotografias de Adèle Gaboreau



Ilustrações de Rafael Senra



